

Kenia Maria de Almeida Pereira
Organizadora

O QUIXOTE DO JUDEU

um breve olhar sobre a comédia
Vida do grande D. Quixote de la Mancha
e do gordo Sancho Pança,
de Antônio José da Silva



EDUFU

O Quixote do Judeu: um breve olhar sobre a comédia
“Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança”,
de Antônio José da Silva



O Quixote do Judeu:
um breve olhar sobre a comédia
“Vida do grande D. Quixote de la Mancha
e do gordo Sancho Pança”,
de Antônio José da Silva

Kenia Maria de Almeida Pereira
Organizadora

Copyright 2017 © Edufu – Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG
Todos os direitos reservados.
Permitido fazer download e compartilhar desde que dado o devido crédito ao autor e à Edufu.
Proibido utilizar para fins comerciais ou fazer qualquer forma de alteração/derivação.



Reitor
Valder Steffen Jr.

Vice-reitor
Orlando César Mantese

Diretor da Edufu
Guilherme Fromm

Conselho Editorial
Carlos Eugênio Pereira
Emerson Luiz Gelamo
Fábio Figuciredo Camargo
Hamilton Kikuti
Marcos Seizo Kishi
Narciso Laranjeira Telles da Silva
Reginaldo dos Santos Pedroso
Sônia Maria dos Santos

Equipe de Realização

Editora de publicações	Maria Amália Rocha
Assistente editorial	Leonardo Marcondes Alves
Revisão	Cláudia de Fátima Costa Wilson Filho Ribeiro de Almeida
Projeto gráfico, diagramação e capa	Ivan da Silva Lima
Imagens	br.pinterest.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

Q8j O Quixote do Judeu : um breve olhar sobre a comédia "Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança", de Antônio José da Silva. / Kenia Maria de Almeida Pereira, organizadora. Uberlândia : EDUFU, 2017.
163 p. : il

Com: Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança/ Antônio José da Silva.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7078-459-9

1. Literatura portuguesa - História e crítica. 2. Dramaturgia portuguesa. 3. Silva, Antônio José da, 1705-1739. Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança - Crítica e interpretação. I. Pereira, Kenia Maria de Almeida. II. Universidade Federal de Uberlândia. III. Título.

CDU: 82

Sumário

- 7 Quando um dramaturgo herege encontra um personagem delirante: Antônio José da Silva nos rastros de Dom Quixote
- 25 *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, de Antônio José da Silva, o Judeu

Parte I

- 29 Cena I
- 40 Cena II
- 51 Cena III
- 57 Cena IV
- 65 Cena V
- 68 Cena VI
- 71 Cena VII
- 79 Cena VIII

Parte II

- 93 Cena I
- 101 Cena II
- 106 Cena III
- 118 Cena IV
- 134 Cena V
- 143 Cena VI
- 152 Cena VII
- 157 Cena VIII



Quando um dramaturgo herege
encontra um personagem delirante:
Antônio José da Silva nos rastros de
Dom Quixote

*a maior loucura que se pode
fazer um homem nesta
vida é deixar-se morrer*
Sancho Pança

Michel Foucault, em *As palavras e as coisas*, observa que Dom Quixote, protagonista de uma das primeiras grandes obras modernas, foi estruturado por Cervantes na trilha da descontinuidade e da ruptura. Quixote, complementa Foucault, constitui-se de palavras “entrecruzadas”, tornando-se uma “escrita errante no mundo”. Mas, o Cavaleiro da Triste Figura não é somente o personagem da cisão e do rompimento. Ele é também um homem delirante, um louco, “entendido não como doente, mas como um desvio constituído e mantido como função cultural indispensável” (Foucault, 1987, p.64).

Tão indispensável, acrescentamos, que não são poucos os grandes nomes da literatura ocidental que se deixaram seduzir pelos desvios, os delírios e as rupturas alopradas deste fidalgo aventureiro. De Miguel de Unamuno a Kafka; de Borges a

Drummond; de Dostoievski a Byron, são inúmeros os autores, leitores de Cervantes, que reelaboraram as alegres sandices de Quixote e Sancho. Essa dupla, aparentemente atrapalhada, alimentou também a imaginação de escritores brasileiros. Tanto os delírios ideológicos de Policarpo Quaresma quanto os tristes desenganos do capitão Vitorino foram forjados com o mesmo barro com que Cervantes moldou sua criatura. Muitos cordelistas nordestinos também cantaram as aventuras da famosa dupla como J. Borges e Jô Oliveira, com *Quixote em cordel*. A literatura infantil também foi generosamente contemplada com as barafundas desse herói trágico. Não podemos nos esquecer de Monteiro Lobato, com *Dom Quixote das crianças*, além dos quadrinhos bem-humorados do cartunista Caco Galhardo. Também o dramaturgo luso-brasileiro Antônio José da Silva, mais conhecido como o Judeu, seguiu as trilhas de Quixote para recriá-lo, no século XVIII, pela irreverência e pela subversão, na interessante comédia intitulada *A vida de Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*.

Miguel de Unamuno desenvolve, em *Vida de Don Quijote y Sancho*, uma reflexão trágica e cética das aventuras quixotescas. Para Unamuno, Quixote se envolveu em delírios para tentar adiar a própria morte. Enquanto o Cavaleiro da Triste Figura esteve amparado pelo manto da loucura e da insensatez, correndo o mundo em busca de aventuras, ele pôde evitar seu fim melancólico e irremediável. No entanto, quando o pobre fidalgo restabeleceu a razão, sendo forçado a abandonar as andanças e as sandices, além de renegar Amadis de Gaula e todos os outros livros de cavalaria medieval, passando, assim, a viver cristianamente na paz de sua casa e de seu leito, não demora muito para ser ceifado pela “indesejada das gentes”. Para

Unamuno, em “la muerte de Don Quijote se reveló el misterio de su vida quijotesca” (Unamuno, 1971, p.215).

Jorge Luís Borges apresenta-nos, de forma inovadora, no conto “Pierre Menard, o autor do Quixote”, um poeta obcecado por Cervantes que não quer criar outro Quixote, mas “o Quixote”; não pela transcrição mecânica do original, senão ambicionando “produzir páginas que coincidissem, palavra por palavra e linha por linha, com as de Miguel de Cervantes” (Borges, 1997, p.57).

Já para Harold Bloom, a loucura de Dom Quixote “é uma recusa em aceitar o que Freud chama de teste da realidade, ou princípio da realidade” (Bloom, 1995, p.150). Para Erich Auerbach, a realidade em Dom Quixote é um eterno jogo, um teatro de máscaras e de dissimulações. Para este cavaleiro errante a vida comum, tediosa e cotidiana é uma brincadeira do faz de conta. Afinal, a “loucura de Dom Quixote dá lugar a inesgotáveis disfarces e encenações” (Auerbach, 2009, p.314). Assim, Sancho Pança pode ser uma donzela encantada; um simples pangaré pode ser um Pégaso.

Tais transformações tornam a realidade um teatro que funciona incessantemente sem que ela cesse de ser realidade. Quando as pessoas não se transformam voluntariamente, é Dom Quixote quem as transforma com sua doirdice... (Auerbach, 2009, p.314).

Antônio José, ao ler Cervantes, diferentemente das reflexões filosóficas céticas de Unamuno e também distante do poeta Menard que quer criar novamente “o Quixote”, o Judeu fez opção pela paródia, pelo deboche e pela comédia joco-séria, apimentando as proezas da dupla e carnalizando as cenas mais conhecidas da segunda parte de *Dom Quixote*.

Como se sabe, Cervantes dividiu sua obra-prima em dois momentos. Publicada em Madrid em 1605, a primeira parte é a mais conhecida do grande público. Mesmo quem nunca leu *Dom Quixote* sabe mais ou menos de quem se trata, afinal, todos podem ver sua imagem icônica em quase todas as mídias: na televisão, no cinema, na internet, nos filmes de animação, nos comics. A sociedade do espetáculo já está impregnada do Quixote como um símbolo visual. Quixote e Sancho são parte do imaginário coletivo do mundo ocidental. Para Ian Watt, se “nos fosse dado ver um cajado e uma bola andando emparelhados por uma estrada, imediatamente os reconheceríamos como Dom Quixote e Sancho Pança”. (Watt, 1997, p.84). Antíteses que se complementam. Contrastes convincentes e pictóricos. “Quixote, esqualido e empertigado, como uma maltratada cúspide gótica tentando tocar o céu, e Sancho, pensando no que irá lhe acontecer da próxima vez” (Watt, 1997, p.84).

Antes de iniciarmos as análises do Quixote de Antônio José, recordemos rapidamente o enredo do Quixote cervantino. Na primeira parte, Cervantes apresenta-nos Alonjo Quijana, um fidalgo de 50 anos, “seco de carnes, enxuto de rosto”, que, depois de muito alimentar seu cérebro com novelas de cavalaria, resolveu sair pelo mundo, montado em seu magro Rocinante, tentando colocar em prática as lições medievais dos cavaleiros andantes: defender as viúvas, as virgens, os órfãos; amparar os injustiçados e os indefesos. Tudo isso em nome de sua amada imaginária, Dulcinéia del Toboso. Mesmo diante das súplicas da sobrinha e da ama, implorando-lhe para que não se aventurasse pelo mundo, Quixote está decidido. E mais: convence seu vizinho, o pacato camponês Sancho Pança, a acompanhá-lo na empreitada. Ambos vão, assim, percorrer a ensolarada Espanha, vivendo aventuras

hilárias e espalhafatosas. A dupla se mete em muitas encrencas, além de enfrentar discussões perigosas e riscos desnecessários. Algumas dessas peripécias são antológicas, como a que Quixote, querendo fazer justiça a qualquer preço, manda libertar os prisioneiros que seguiam presos por ordem do rei; afinal, para o Cavaleiro andante, “Lá em cima está Deus, que se não descuida de castigar ao mau e premiar ao bom; e não é bem que os homens honrados se façam verdugos dos seus semelhantes, de mais sem proveito” (Cervantes, s/d., p.165).

Quixote e Sancho investem contra biscañinhos, pastores de cabras, escudeiros anônimos. Na maior parte dessas intervenções, tanto o cavaleiro como seu pajem são impiedosamente surrados, terminando o dia ora com os ossos quebrados, ora com feridas abertas pelo corpo. E, claro, não podemos nos esquecer da mais emblemática e delirante de todas as cenas: a investida de Quixote contra os moinhos de vento. Acreditando que os moinhos eram terríveis gigantes, o Cavaleiro da Triste Figura, sem dar ouvidos a Sancho, que gritava para que seu amo parasse com tamanho desatino, “arremeteu a todo galope do Rocinante, e se aviou contra o primeiro moinho que estava a diante, e dando-lhe uma lançada na vela, o vento a volveu com tanta fúria, que fez a lança em pedaços, levando desastradamente cavalo e cavaleiro, que foi rodando miseravelmente pelo campo fora” (Cervantes, s/d., p.58). Tanto Quixote quanto Sancho são movidos ora pela loucura ora pelo desejo. Se Sancho, pragmático, executa ordens, sonhando em ser governador de uma ilha, Quixote, idealista, faz tudo em nome de seu incomensurável amor por Dulcinéia del Tombozo.

Para Carlos Fuentes, Cervantes, na pele de Quixote, é herdeiro de Erasmo de Roterdã, ou seja, embarca na nave da loucura, guiado apenas pela utopia de um mundo movido pelo

amor e pela justiça, torcendo para não se afogar entre as contradições de dois mundos que se avolumavam no século XVI “el flujo del Renacimiento y el reflujo de la Contrarreforma” (Fuentes, 1976, p.66).

Logo após a publicação apócrifa da segunda parte de *Dom Quixote*, por um certo Alonso Fernández de Avellaneda, Cervantes, muito inconformado e aturdido com esse fato, se apressa em publicar, em 1615, a verdadeira segunda parte de Dom Quixote. Embora menos conhecida do público mediano, nela podemos apreciar a segunda saída pelo mundo da dupla Quixote e Sancho para viverem aventuras tão hilárias e interessantes como as que constam na primeira parte. Inesquecível é o capítulo, por exemplo, em que Quixote acredita ver, em uma humilde camponesa malvestida, sua linda e elegante Dulcinéia, que por força sobrenatural teria sido encantada por terríveis nigromantes, os quais a teriam transformado em uma pobre aldeã de “cara larga e feia”. Há ainda outras várias cenas cômicas e despropositadas nas quais se envolvem os dois personagens. Ambos se metem com leões enjaulados, atacando-os com sua lança em riste. Entediados, os leões se recusam a sair da jaula para enfrentarem tamanho maluco sem a noção do perigo. Depois de tal episódio, Quixote, acreditando ter vivido uma de suas mais espantosas façanhas, exige que o chamem de Cavaleiro dos Leões e não mais de Cavaleiro da Triste Figura. Quixote experimenta ainda uma de suas mais estranhas peripécias. Ele desce à famosa gruta de Montesinos, onde lhe contam as incríveis histórias de amor entre Durandarte e Belerma. É ainda nessa segunda parte que Quixote e Sancho são convidados para hospedarem-se no luxuoso castelo dos duques, os quais se divertem à custa da ingenuidade dos dois andarilhos atrapalhados. Sancho finalmente recebe de presente

a sonhada ilha para governar, mas, depois de outras inúmeras confusões e ilusões, percebe, como afirma Maria Augusta Vieira, que “o poder exige muito e oferece pouco” (Vieira, 1998, p.129), Sancho resolve abandonar seu papel de governador. Quixote é finalmente vencido pelo amigo Sansão Carrasco, travestido no Cavaleiro da Branca Lua, que lhe ordena que volte para casa e se recolha em seus aposentos por dois anos. Triste e magoado por ter se deixado iludir com os livros de cavalaria andante, jura que viverá agora como um bom cristão e em paz no sossego de seu lar. Dias depois, adoece e morre, não sem antes alertar sua amada sobrinha que nunca se case com um rapaz de miolo mole que tenha afeição por romances de cavalaria.

O Quixote cervantino nas mãos de o Judeu, se converteu em boa dramaturgia, estruturada em uma opereta joco-séria. Antônio José recria Quixote e Sancho metendo-os em uma deliciosa comédia. E, como em toda as suas peças, não poderia faltar o estapafúrdio bufão. Sancho se transforma, assim, em um bobo da corte, em um gracioso divertido, apelando sempre para os ditados populares mais engraçados e mais irônicos que os do próprio Sancho cervantino, como se pode ver em: “Agora fico mais consolado nos meus infortúnios, pois mal de muitos consolo é”; “É boa história! Veja vossa mercê, se não fala, como o leva o Diabo de meio a meio”; “Uma vez que são minas, eu vou; que mais vale uma hora rico, que toda a vida pobre”; “Ai, senhor, não sei que suor frio me vai dando! Eu me mijo por mim”; “Diga-me, senhor Merlim, que tem o meu cu com o desencanto da senhora Dulcinéia?”; “Morra Marta, morra farta”. Lembremos aqui de Ian Watt, que chama a atenção para o fato de que “Sancho é um labrego cômico, que assume a profissão de escudeiro pensando desde o início em tirar proveito dela” (Watt, 1997, p.73-74).

Paulo Pereira, por sua vez, vê o gracioso de Antônio José como o “o fio condutor das ações”, aquele que “representa a consciência social e serve para pôr em ridículo os poderosos do tempo. Todos os graciosos são propositadamente cômicos dominados por um sentido prático da vida” (Pereira, 2007, p.43). Em todas as suas comédias, há a presença dessa figura bufa, sempre nomeado com nomes ridículos que, por si só, já suscitam o riso, como, por exemplo, Chichisbéu, Semicúpio, Sacatrapo, Esfuziote, dentre outros. Mas, não se engane o leitor, o bobo, tal qual o louco, aproveita de sua condição de pária, de excluído, para fazer, nos dizeres de Bakhtin, a “denúncia de toda espécie de convencionalismo pernicioso, falso, nas relações humanas” (Bakhtin, 1998, p.278). É o que, aliás, Sancho faz com muita habilidade. Convertido em truão, Sancho aproveita para debochar, por exemplo, da ascensão dos poetas medíocres, que, desde o século XVIII, em Portugal, eram cultuados em toda parte:

Sancho: Senhor meu amo, eu cuido que estou sonhando. Que vossa mercê entre no Parnaso, não é muito, porque é louco; porém eu, que, sendo um ignorante, também cá esteja, é o que mais me admira; e daqui venho agora a concluir que não há tolo que não entre hoje no Parnaso (Silva, 1957, p.67).

Primeira peça escrita por Antônio José, em 1733, *A vida de Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança* subiu aos palcos de Lisboa, no popular do Bairro Alto, para alegria de um público ávido pelas brincadeiras e barafundas do então já conhecido e estimado Antônio José, mais popularmente chamado de “o Judeu”. Antes dessa sua primeira peça ser encenada, ele já

havia experimentado os duros castigos e torturas dos cárceres inquisitoriais. Foi preso pela primeira vez aos 22 anos de idade, por judaizar-se, e considerado herege por rezar pela cartilha de Moisés, estando já convertido ao catolicismo: um cristão-novo judaizante, que deveria pagar pelo crime da apostasia.

Antônio José nasceu no Rio de Janeiro, mas, com sete anos de idade, vai com os pais para Lisboa, de onde nunca mais saiu. Formou-se em Direito, mas nunca exerceu a profissão, entregando-se completamente ao teatro. Suas comédias populares eram encenadas por meio de bonifrates de cortiça, confeccionados pelo próprio Antônio José. Perseguido pela Inquisição, morreu queimado em um Auto de fé. Segundo nos informa Kenia Pereira, “no ano de 1739, com apenas 34 anos de idade, no auge da carreira de teatrólogo, o povo viu desfilar com carocha e sambenito um dos artistas mais respeitados em Portugal” (Pereira, 1998, p.120). Tentaram assim “reduzir o réu, diminuí-lo, diminuí-lo, até que, irrelevante, desapareç(esse) sem incomodar” (Dines, 1992, p.43). No entanto, as peças joco-sérias de Antônio José permanecem, suscitando o riso e a reflexão. Mais estudos e pesquisas são necessários sobre este dramaturgo vítima de um século intolerante, que reduziu Portugal ao fanatismo religioso. Morreu Antônio José, mas suas comédias estão aí, mais interessantes que nunca, pedindo estudos e despertando curiosidades e gargalhadas no público contemporâneo. Parece mesmo que não se pode desconsiderar as sábias advertências do bufão Sancho. Para esse personagem, é grande o risco de um enfretamento com os poetas, já que eles

são piores que gigantes. Veja vossa mercê que eles trazem um exército de dez mil homens, quatro mil sonetos, duzentas décimas,

oitenta madrigais, e um esquadrão de sátiras volantes em silva, que arranha. Veja bem em que se mete (Silva, 1957, p.67).

Dessa forma, muitas das cenas e diálogos que aparecem na peça *A vida de Dom Quixote* são críticas tanto à famigerada Inquisição como também denúncias de um sistema político-social degradante que imperava em Portugal no século XVIII. Roger Chartier, por exemplo, comenta que é provável que os sofrimentos de Antônio José “tenham deixado marcas em suas peças” (Chartier, 2012, p.169).

O Judeu tece seu Quixote com fios emprestados da segunda parte do romance de Cervantes, reelaborando e parodiando algumas cenas marcantes daquela narrativa. *A vida de Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança* está dividida em duas partes: a primeira com nove cenas e a segunda com oito. O leitor nunca se arrependerá de ler até o final as barafundas desta dupla atrapalhada. A diversão é garantida, o riso e a reflexão também. Afinal, como aponta Patrícia da Silva Cardoso, foi pelo riso que o Judeu “fez-se alguém, saiu do nada em que havia sido enalacrado” (Cardoso, 2008, p.110).

A peça se inicia com os delírios de Dom Quixote, o qual quer por toda força sair pelo mundo com sua espada e lança para viver aventuras em nome de sua doce amada Dulcinéia del Toboso. Estes ataques extremos deixam a ama e a sobrinha preocupadas. Num ato de desespero, elas pedem ajuda ao amigo Sansão Carrasco, implorando que ele convença o Cavaleiro da Triste Figura a desistir de tamanha insensatez. Mas Quixote não se deixa abalar, sai pelo mundo montado em seu magro Rocinante, ao lado do seu fiel escudeiro, Sancho Pança. Ambos se despedem, cada um à sua maneira, mas sempre justificando de forma jocosa a decisão tomada:

Sancho: Pois adeus, que me vou a armar cavaleiro (quero dizer, burriqueiro, porque eu monto em burro, e não em cavalo) e a despedir-me de minha Tereza Pança, *y lo dicho, dicho (Vai-se)* (Silva, 1957, p.28).

Quixote: Não tem remédio: hei-de ir, que não é justo que fique sem fim minha memorável história. E juntamente vou a fazer muitas obras pias, pois quantas donzelas estarão em necessidade de que um cavaleiro andante lhes defenda o crédito e a honra? Quantos pupilos estarão sem justiça? Quantos cavalheiros honrados estarão encantados por falta de andantes cavaleiros? Enfim, não tenho mais que dizer, vou a castigar insolentes e a endireitar tortos (Silva, 1957, p.29).

Restam à sobrinha, à ama e a Sansão Carrasco se lamentarem, choramingando e cantando, por meio de trocadilhos espirituosos, uma bonita ária, acompanhados de Dom Quixote:

Ária

Sobrinha: Ai, meu tio, não se ausente.

D. Quixote: Calai-vos, impertinente.

Ama: Meu Senhor, isso é loucura.

Carrasco: Ide, ide, D. Quixote.

Sobrinha: Mas que hei-de fazer sem tio?

Ama: Mas que hei-de fazer sem amo?

Carrasco: Deixai ir esse mamote.

D. Quixote: Não haja mais choro, ah tal!

Ama: Um amo, que tanto amo.

Sobrinha: Ai, sobrinha sem ventura!

D. Quixote: Ora adeus, ó pátria amada.
Carrasco: D. Quixote, avante, avante!
Sobrinha: Minha dor matar-me trata.
Ama: Minha pena me sufoca.
D. Quixote: Isto é espada, não é roca.
Carrasco: Tu te vás, D. Quixote, por teu mal
(Silva,1957, p.29).

Ao longo da peça, num misto de cenas ora faladas ora cantadas, o leitor irá se deparar com algumas árias, coros e minuetos, afinal, estamos diante de uma opereta joco-séria, representada por grandes bonecos articulados de cortiça, a qual dialoga tanto com a ópera bufa italiana como com as zarzuelas espanholas. Talvez uma das árias mais cômicas da peça é aquela cantada por Sancho, na qual o fiel escudeiro ri da paixão exagerada e impossível que o seu amo nutre por Dulcinéia, comparando as flechas de cupido às unhas afiadas de um gato: por onde passa arrasa, deixando um rastro de destruição:

Viram já vocês um gato,
Que, miando pela casa,
Tudo arranha, tudo arrasa
E caçando o pobre rato,
Este guincha, que o não rape;
Dali diz-lhe a moça *sape*,
E o gato responde *miau*,
E a Senhora grita *xô?*
Dessa sorte, amor tirano
Faz das unhas duras flechas,
Que, atrependo da alma às brechas

Corações, frescuras, bofes
Come, engole e faz em pó (Silva, 1957, p.83).

Dentre as inúmeras aventuras vividas pela dupla atrapalhada, o leitor irá se surpreender ainda com a cena em que Quixote, em delírios, tenta abraçar e beijar Sancho Pança, acreditando ser ele sua Dulcinéia querida, transformada pelos feitiçeiros e encantadores. Esse é um trecho original da peça de o Judeu que não existe no romance cervantino. Uma cena, aliás, muito subversiva para o século XVIII, como o leitor pode perceber neste pequeno trecho:

D. Quixote: E, se bem reparo agora nas feições deste Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcineia; porque sem dúvida Sancho às vezes o vejo com o rosto mais afeminado, que quase me persuado está Dulcineia transformada nele.

Sancho: Meu amo está no espaço imaginário! (*À parte*). Ah, Senhor, toca a cavalgar, que o rocinante está selado e o burro albardado. Senhor, vossa mercê ouve? (Silva, 1957, p.61).

Antônio José, de forma inusitada, cria assim algumas cenas hilárias inexistentes em Cervantes. Flávia Corradin, tem razão ao observar que o simples fato de o Judeu acrescentar, suprimir e inverter o Quixote canônico, além de “diminuir e apequenar a grandiosidade episódica da novela (cervantina), estreitando-a nas exíguas dimensões de uma peça, é já índice de uma atitude dessacralizadora frente ao paradigma” (Corradin, 1990, p.107). Ian Watt, por sua vez, vê no Quixote e em suas alucinações, um grande “destrambelhado” (Watt, 1997, p.80), ou seja, seu

comportamento é demarcadamente obsessivo, principalmente quando se trata de Dulcinéia ou da própria cavalaria andante.

Se Dom Quixote, com sua máscara de louco, enfrenta a realidade encarando-a com os recursos das metamorfoses, já Sancho Pança, com sua máscara de bufão e de governador da Ilha dos Lagartos, aproveita sua liberdade de bobo da corte para zombar das relações sociais em Portugal, colocando em xeque a justiça do Estado português:

Sancho: Que me faça bom proveito! Dai-me atenção, Meirinho. Sabei, primeiramente, que isto de Justiça é coisa pintada e que tal mulher não há no Mundo, nem tem carne, nem sangue, como v. g. a Senhora Dulcinea del Toboso, nem mais, nem menos; porém como era necessário haver esta figura no Mundo para meter medo à gente grande, como o papão às crianças, pintaram uma mulher vestida à trágica, porque toda a justiça acaba em tragédia... (Silva, 1957, p.90).

“Toda Justiça acaba em tragédia”. Infelizmente para os cristãos-novos¹ que tinham de enfrentar o Santo ofício, essa frase era mais que verdadeira. Para Antônio José, que passou duas vezes pelos calabouços da Inquisição até ser queimado na fogueira dos Estaus, a fala de Sancho ressoa como uma maldição. Já para Josevania Fonseca, o Judeu, possivelmente, utilizou o espaço do teatro para falar aos criptojudeus² “que estavam dispersos entre os cristãos-velhos ou até mesmo ‘adormecidos’, diante da cultura dominante, com o intuito

¹ Denominação dada aos judeus convertidos à força ao cristianismo pela Inquisição, século XV e XVI.

² Judeus convertidos à força que mantinham secretamente às práticas religiosas judaicas.

de alertá-los sobre a necessidade de resistir à opressão e ressuscitar a religiosidade judaica dos seus ancestrais” (Fonseca, 2013, p.13).

Também Cervantes, considerado por muitos de seus biógrafos como cristão-novo, destila uma ácida crítica à sociedade espanhola, mas, sempre cuidadoso, o faz por meio da fala ambígua do destrambelhado Quixote, que de forma farsesca, antes de morrer, faz troça da censura inquisitorial e, conseqüentemente, do índice dos livros proibidos:

– As misericórdias, sobrinha – respondeu D. Quixote – são as que neste momento Deus teve comigo, sem as impedirem, como disse os meus pecados. Tenho juízo já livre e claro, sem as sombras caliginosas da ignorância com que o ofuscou a minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros das cavalarias. Já conheço os seus disparates e seus embelecos e só me pesa ter chegado tão tarde este desengano, que me desse tempo para me emendar, lendo outros que fossem luz da alma. Sinto-me, sobrinha, à hora da morte, quereria passá-la de modo que mostrasse não ter sido tão má a minha vida, que deixasse renome de louco, pois apesar de o ter sido, não confirmar essa verdade expirando. Chame-me os meus bons amigos, o cura, o bacharel Sansão Carrasco, e mestre Nicolau, o barbeiro, que me quero confessar e fazer o meu testamento (Cervantes, s/d., p.221).

Mas, se Cervantes desaparece com Quixote, fazendo-o morrer catolicamente na paz de seu quarto, a fim de evitar “que qualquer outro autor que não fosse Cide Hamet Benengeli, o ressuscitasse falsamente, e fizesse intermináveis histórias das suas façanhas” (Cervantes, s/d., p.224), Antônio José preferiu deixar seu Cavaleiro dos Leões com vida, afinal, estamos no reino da

comédia, e mais vale um Quixote vivo sem valentia que um Quixote morto sem alegria, ou como muito bem traduziu Sancho:

Sancho: Ora, Senhores, acabou-se a valentia de D. Quixote, graças a Deus! Tirei bom fruto dele! Bem me disse a minha filha ao despedir-me! Com que agora, dando fim a esta verdadeira História, irei cantando:

Tão alegres que viemos,
E tão tristes que tornamos (Silva, 1957, p.117).

Diante dessas reflexões, podemos dizer que Antônio José, encorajado pelo discurso dúbio e ambíguo tanto do louco Dom Quixote como do bobo Sancho Pança, comete a heresia de fazer Portugal rir de si mesmo e rir de seus desmandos políticos e religiosos. Não à toa, o Judeu pagou com a própria vida a ousadia de ser subversivo e criptojudeu em plena Europa do século XVIII. Resta ao leitor enfrentar o texto de Antônio e descobrir outros momentos zombeteiros e críticos que fazem deste dramaturgo um dos mais importantes artistas luso-brasileiros do século XVIII.

Acrescento ainda que este livro é fruto de uma pesquisa que venho desenvolvendo há vinte anos sobre o teatro de Antonio José, o Judeu. Tendo como fonte de apoio as *Obras completas de Antônio José da Silva*, organizadas pelo professor José Pereira Tavares, em 1957 (Livraria Sá da Costa-Editora-Lisboa), este é o quarto volume que publico, na tentativa de divulgar as comédias ainda pouco conhecidas deste dramaturgo. Em 2006, publiquei pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, *Obras do*

diabinho da mão furada; em 2012, saiu pela EDUFU, *Guerras do Alecrim e Manjerona*, e pela EDUSP, em 2013, *Os encantos de Medeia*. Boas leituras!!!

Referências

- ARAÚJO, Elza Gonçalves de. *O Quixote no teatro de Antônio José da Silva*. 1987. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1987.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- CARDOSO, Patrícia da Silva. *A vida é sonho? A vida é circo?: teatro e identidade em Antônio José da Silva*. In: JUNQUEIRA Renata S.; MAZZI, Maria da Glória C. *O teatro no século XVIII: presença de Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p.109-111.
- CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. Tradução dos viscondes de Castilho e de Azevedo. Lisboa: Europa/América, s/d. IV volumes.
- CHARTIER, Roger. *O Dom Quixote de Antônio José da Silva, As marionetes do Bairro Alto e as prisões da Inquisição*. Trad. Estela Abreu. *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. v.2,3, 2012, p.161-181. Site de acesso: <www.revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano2v3_artigo_roger-chartier.pdf>
- CORRADIN, Flávia Maria Ferraz Sampaio. *Antônio José da Silva, o Judeu: textos versus (con)textos*. 1990, 199f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP São Paulo, 1990.
- DINES, Alberto. *Vínculos do fogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FONSECA, Josevania. Um cavaleiro andante na Lisboa do século XVIII. In: Simpósio Nacional de História, XXVII, 2013, Natal. *Anais*, Natal, RN: ANPUH, 2013, p.1-16. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371340858_ARQUIVO_Trabalharevisado.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2017.

FOUCAULT, Michel. *A palavra e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FUENTES, Carlos. *Cervantes o la crítica de la lectura*. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1976.

JUNQUEIRA, Renata Soares; MAZZI, Maria da Glória Cusumano. (orgs). *O teatro no século XVIII: presença de Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SILVA, Antônio José da. *Obras completas*. Prefácio, organização e notas de José Pereira Tavares. Lisboa: Sá da Costa, 1957. VI.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998.

PEREIRA, Paulo Roberto. *As comédias de Antônio José, o Judeu*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RAMOS, Mário Amora. *Dom Quixote: Quatro séculos de modernidade*. São Paulo/Osasco: NovoSéculo, 2005.

UNAMUNO, Miguel de. *Vida de Don Quijote y Sancho Pança*. Madri: Espasa-Calpe, 1971.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. *O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno*. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.



Vida do grande D. Quixote de la Mancha
e do gordo Sancho Pança,
de António José da Silva, o Judeu

Ópera que se representou no
Teatro do Bairro Alto de Lisboa,
no mês de outubro de 1733.

Cenas da I Parte

- I – Sala de panos de rás, bufetes e cadeiras.
- II – A casa de Sancho Pança, mal composta.
- III – Bastidores de bosque.
- IV – Bastidores de selva.
- V – Bastidores de selva.
- VI – Bosque, e no meio um monte.
- VII – Sala de colunatas, e depois jardim fúnebre.
- VIII – Selva.
- IX – Selva, e o monte Parnaso.

Cenas da II Parte

- I – A metade selva, e outra metade mar, e um moinho no fim.
- II – Montes e selvas.
- III – Sala de colunatas, mesa e cadeiras.
- IV – Sala de azulejos.
- V – Outra sala, e mesa mal composta.
- VI – Casas.
- VII – Jardim alegre.
- VIII – Bosque.

Aparato do teatro e sua fábrica

Um carro com várias figuras dentro.

Uma capoeira sobre um carro, em que irá um Leão, que sai fora a seu tempo.

Um carro, em que vem Dulcineia e várias figuras.

Dois cavalos, um de D. Quixote e outro de Sansão Carrasco.
Dois burros, um para Sancho Pança e outro para uma saloia.
O Monte Parnaso com as Musas, Apolo e o cavalo Pégaso.
Um barco.
Um cavalo que vem pelo ar, e se lhe põe fogo.
Uma nuvem
Um porco.

Interlocutores

Dom Quixote.

Sancho Pança.

A Sobrinha de D. Quixote.

A Ama do mesmo.

Teresa Pança, mulher de Sancho Pança.

Uma filha do mesmo.

Um Tabelião vestido como almocreve.

Uma saloia em um burro.

Sansão Carrasco.

Seu Criado.

Um Diabo, que vem no carro.

Outro Diabo, com muitos cascavéis.

Um Homem, que vem com o Leão.

Belerma.

Montesinos.

Um, que está na cova.

Calíope, que vem na núvem.

Apolo e as Musas.

Dois Homens, que são do moinho.

Dois Homens do barco.

Um Fidalgo.

Uma Fidalga.

Um Meirinho.

Um Escrivão.

Dois Homens, que tocam rebecas.

Um Homem que toca rebecão.

Um Médico.

Um Cirurgião.

Um Taverneiro.

Uma Mulher Moça, com manto.

Uma Mulher Velha, em corpo, sem manto.

Um Escudeiro.

A Condessa das Barbas.

Dois Rebuçados.

Dois Homens para a audiência.

Parte I



Depois de se tocar a sinfonia canta o

Coro

Todas as vozes juntas
Se ouçam rressonar,
E ao nosso festejar
Eco responda,
E a tão sonoro acento
Pasme a terra e o vento;
Que é bem que a terra e o ar
Já corresponda.

CENA I

*Descobre-se uma sala composta com bufetes e cadeiras,
e estará assentado D. Quixote e junto a ele, em pé,
a Ama e Sobrinha, e um Barbeiro fazendo-lhe a barba.*

D. Quixote

Senhor Mestre barbeiro, veja vossa mercê como me pega nestas barbas, porque são as mais honradas que tem toda a Espanha; e pode gabar-se que nem quantos gigantes tem o mundo se

atreveram a olhar para elas, nem com o rabo do olho, porque sempre lhe tive a barba tesa.

Barbeiro

Ela assim o mostra, pois de tão tesa que é, dobra o fio à navalha.

D. Quixote

Ora, sô Mestre, você bem sabe que é obrigação dos de seu ofício, enquanto fazem a barba, dizerem as novidades que há pela cidade. Que se fala dos Príncipes da Itália, e do governo político do Orbe? Que, como estive doente e tantos tempos de cama por causa das minhas cavalarias andantes, não tenho sabido nada.

Barbeiro

Senhor D. Quixote, novidades não faltam. Dizem que o Turco vem com uma poderosa armada assolando os mares; e os Príncipes todos procuram fazer-lhe guerra ofensiva e defensiva, para o que já em Biscaia se prepara uma grossa armada.

D. Quixote

Para que se cansam com tantas máquinas? Eu lhes dera um bom arbítrio com que em menos de uma hora vençam quantas armadas e armadilhas o Turco tiver.

Barbeiro

Diga vossa mercê qual é.

D. Quixote

Não quero; porque não faltarão mexeriqueiros que lho vão dizer, e ganhem as alvissaras do meu trabalho.

Barbeiro

Diga vossa mercê, que lhe prometo à fé de barbeiro, que aqui fique sepultado sete varas debaixo do chão como pedra de raio.

D. Quixote

Debaixo dessa fé, que é muito boa, o direi. Mandem esses Príncipes buscar alguns cavaleiros andantes, que não faltam na nossa Espanha, que só um deles bastará para destruir com sua espada e sua lança mil armadas.

Ama

Triste de mim, Senhora! Seu tio está outra vez doido: ainda crê que há no mundo cavaleiros andantes!

Sobrinha

A mim me melem,¹ se por aqui não anda Sancho Pança, que é o que lhe mete estas loucuras na cabeça. (*À parte*).

Ama

Vamos ter com Sansão Carrasco, a ver se lhe pode tirar da cabeça estas asneiras, que é Homem de manha.² (*À parte*).

Sobrinha

Vamos. (*Vai-se*).

Barbeiro

Como é possível, Senhor D. Quixote de la Mancha, que um cavaleiro andante possa destruir um navio, quanto mais uma armada?

¹ *A mim me melem* – a mim me castiguem.

² *Homem de manha* – Homem sábio, uma vez que Sanção Carrasco era advogado.

D. Quixote

Sô Mestre, trate do seu estojo, e das suas navalhas e não se meta a querer investigar os recônditos arcanos dos cavaleiros andantes. Se você lera as antigas Histórias de Palmeirim de Oliva, Roldão, Amadis de Gaula e outros muitos, de que o clarim da fama por cem bocas canta as suas nunca vistas façanhas, soubera então o que vale um cavaleiro andante. Bem sei de um, que só com um suspiro é capaz de afundar uma armada e cem galeões

Barbeiro

Quem será esse tal? Tomara-o conhecer.

D. Quixote

Sou eu; eu, D. Quixote de la Mancha, por outro nome o Cavaleiro da Triste Figura. Eu, torno a dizer, eu só com a minha espada e a minha lança e o meu broquel,³ me atrevo a engolir o Grão Turco, como quem engole uma cereja de saco.

Barbeiro

Quando eu cuidava que vossa mercê estava de todo são desta loucura, ainda o vejo tão enfermo dela! Ora, Senhor, deixe esta teima. Quem lhe meteu em cabeça, que havia no mundo cavaleiros andantes? E, quando isso assim fora, vossa mercê porventura tinha barbas para o ser?

D. Quixote

Ó grandíssimo magano, por vida de minha Senhora Dulcinea del Toboso, que vos farei em pó e em cinza. Assim perdeis o respeito a um cavaleiro andante?

³ *Broquel* – escudo.

Atira D. Quixote com o Barbeiro ao chão, e sairá Sansão Carrasco.

Carrasco

Que é isto, Senhor D. Quixote? Que obrigou a sua grande modéstia a sair em tanta desesperação?

D. Quixote

Senhor Sansão Carrasco, quem havia de ser senão este barbeirinho, que nega haver cavaleiros andantes no mundo, e que seja eu um deles?

Carrasco

Ah, sô Mestre, ponha-me logo os quartos na rua, antes que vá pela janela.

Barbeiro

Não sei donde há de parar D. Quixote com tanta loucura!
(*Vai-se*).

Carrasco

Este miserável está louco confirmado. Querer persuadi-lo é excitá-lo mais. Eu quero ir com o que ele disser, que ele tomará o desengano à sua custa (*À parte*).

D. Quixote

Meu amigo, eu estou resoluto a sair segunda vez ao feliz progresso de minhas andantes cavalarias. Ainda que da passada vim muito moído, contudo, desmaiar nos trabalhos não é para corações briosos. Queira Deus que estes malandrinhos ou encantadores me não persigam com seus encantos, que, invejosos do meu valor,

querem escurecer com mágicas aparentes as minhas claras e rocinantes cavalarias.

Carrasco

Deixa-me beijar-te os pés, ó flor dos cavaleiros andantes! Ó único Alcides⁴ de nossas eras! Sai, sai, não só segunda vez, mas quinhentas e quarenta e duas, a dar alma ao esquecido cadáver da cavalaria andante, para glória do mundo, e timbre de tua pátria Mancha.

D. Quixote

Dizei-me por vida vossa: que dizem de mim por essa terra?

Carrasco

Que hão de dizer? Que vossa mercê é um louco, mas valente, e que às vezes passa a ser temerário, empreendendo impossíveis. Finalmente, todos dizem que a Senhora Dulcineia del Toboso, minha Senhora, é coisa fingida e fantástica e que tal mulher não há no mundo.

D. Quixote

Dizem bem, que o mundo não é capaz de sustentar aquele globo esférico da formosura; e assim o ar é a pátria daquela estrela de Vênus.

*Haverá dentro muita bulha, e gritos de Sancho, da Ama e da Sobrinha, e saem.*⁵

⁴ Alcides – Hércules, herói mitológico, dono de uma notável força física.

⁵ Saem – Este verbo, muito empregado nas rubricas da peça, significa *entrar em cena* ou *sair* dos bastidores.

Ama e sobrinha

Não hás de entrar, Sancho de Barrabás.

Sancho

Eu porventura dei-lhe a vocês palavra de casamento, para me porem impedimento?

Sobrinha

Tu és o que lhe metes na cabeça essas cavalarias andantes.

Sancho

Mau agouro venha pelo Diabo! Essa é bonita! Com que eu sou acaso loucura, para me meter na cabeça de meu amo? Coitado de mim, que eu sou o que pago; pois à conta de suas cavalarias andantes levo muitos coices.

D. Quixote

Que é isso, Sancho Pança? Sempre haveis de vir grunhindo?

Sancho

Que há de ser? A Senhora Ama, e a Senhora Sobrinha, que Deus guarde, não me queriam deixar entrar a falar com vossa mercê, Senhor meu Amo, dizendo que eu era a causa de vossa mercê querer ir segunda vez pelo mundo a buscar aventura. Veja vossa mercê que maior testemunho, quando eu sou o que digo a vossa mercê que, se havemos de ir amanhã, que vamos hoje!

D. Quixote

Não faças caso de mulheres, que bem parece que ignoram o gênio dos cavaleiros andantes.

Sancho

Quanto a isso, têm elas mais que razão.

Carrasco

Amigo Sancho Pança, advirto-lhe, o que era escusado, que faça muito por ser Homem de bem; acompanhe a seu amo, como bom escudeiro, que, se assim o fizer, levará o Céu brincando.

Sancho

Ah, Senhor Sansão Carrasco! Brincando o não levo eu: sabe Deus o que me custa e me tem custado aturar as valentias de meu amo, que sempre a ele lhe dão na cabeça, e a mim no fio do lombo; mas diz lá o rifão: *Muito alenta uma esperança*. Pois que tenho de ser governador de uma ilha, que diz meu amo que me há de dar, não quero patuscadas: recolho-me a ela como a sagrado.

D. Quixote

Sancho, podes viver descansado, que assim apareça essa ilha, como logo tu hás de ser governador dela.

Sancho

Ainda o ela aparecer está em contingências? Cuidei que já vossa mercê a tinha certa.

D. Quixote

Deixa isso por minha conta, que, ou ela queira ou não queira, ela aparecerá, e tu verás como pago os teus serviços.

Sancho

Os meus serviços com quaisquer trinta réis se pagam; até aí posso

eu; se vossa mercê me não dá para mais, então irei buscar minha vida. E esses meus serviços só na boca de vossa mercê não é bem que fiquem. Dê-me alguma clareza ou obrigação, por onde o possa obrigar, quando me falte.

D. Quixote

Toma esse papel, que já nele tinha escrito o mesmo que te digo de boca.

Sancho

Ah, Senhor, que é mui certo andarem juntos papéis com serviços; e oxalá que, depois de eu os ter feito, não mos quebre alguma preta, que, por serem vidrados, são quebradiços; ou algum daqueles encantadores que perseguem a vossa mercê; porque também as desgraças dos amos se pegam como sarampo ao corpo dos escudeiros; pois vejo que, tendo os meus serviços asas, nem por isso voam, ficando sempre na secretaria dos feitos com uma tampa em cima.

D. Quixote

Sancho Pança, mãos à obra, coração, espírito valoroso, que juro, à fé de cavaleiro andante, que desta segunda jornada há de ver o mundo quem é D. Quixote de la Mancha; que, se até aqui foi Cavaleiro da Triste Figura, daqui em diante será o alegrão do Universo. Anda, vai-te a preparar, que amanhã, ao romper da Aurora, havemos de partir por esse mundo.

Sancho

Eu dera a vossa mercê um conselho.

D. Quixote

Qual é? Dize, que às vezes um louco acerta mais que um entendido.

Sancho

Eu dera a vossa mercê de conselho que não fôssemos ao romper da Aurora; porque, se a rompemos, ao outro dia não poderemos madrugar; porque a Aurora isso tem, que, em se rompendo, é pior que holanda⁶ podre, que se não aproveita uma tira para uma atadura de fontes.

D. Quixote

Deixa de disparates e faze o que te digo.

Sancho

Pois adeus, que me vou a armar cavaleiro (quero dizer, burriqueiro, porque eu monto em burro, e não em cavalo) e a despedir-me de minha Tereza Pança, *y lo dicho, dicho. (Vai-se).*

Carrasco

Pois eu te prometo amo e mochila,⁷ que eu brevemente armarei uma, que ambos torneis desenganados de vossas cavalarias andantes. *(À parte).*

Sobrinha

Tio da minha alma, veja o desamparo em que me deixa: lembre-se da minha mocidade e que se vai o esteio desta casa.

⁶ *Holanda* – tecido de linho, originário desse país.

⁷ *Mochila* – Criado.

Ama

Pois fui ama seca de vossa mercê muitos anos, lembre-se deste capelo sem borla.

D. Quixote

Não tem remédio: hei de ir, que não é justo que fique sem fim minha memorável história. E juntamente vou a fazer muitas obras pias, pois quantas donzelas estarão em necessidade de que um cavaleiro andante lhes defenda o crédito e a honra? Quantos pupilos estarão sem justiça? Quantos cavaleiros honrados estarão encantados por falta de andantes cavaleiros? Enfim, não tenho mais que dizer, vou a castigar insolentes e a endireitar tortos.

Cantam D. Quixote, Carrasco, Ama e Sobrinha a seguinte

Ária

Sobrinha: Ai, meu tio, não se ausente.

D. Quixote: Calai-vos, impertinente.

Ama: Meu Senhor, isso é loucura.

Carrasco: Ide, ide, D. Quixote.

Sobrinha: Mas que hei de fazer sem tio?

Ama: Mas que hei de fazer sem amo?

Carrasco: Deixai ir esse mamote.

D. Quixote: Não haja mais choro, ah tal!

Ama: Um amo, que tanto amo.

Sobrinha: Ai, sobrinha sem ventura!

D. Quixote: Ora adeus, ó pátria amada.

Carrasco: D. Quixote, avante, avante!

Sobrinha: Minha dor matar-me trata.

Ama: Minha pena me sufoca.

D. Quixote: Isto é espada, não é roca.

Carrasco: Tu te vás, D. Quixote, por teu mal.

CENA II

*Aparece a casa de Sancho ridiculamente composta,
e nela estarão Teresa Pança, e sua filha, e sai Sancho.*

Sancho

Jesus! Mulher dos meus olhos, estou tão contente, que venho saltando, e quero saltar.

Tereza

Sancho Pança, achastes alguma mina? Que é isto, marido?

Sancho

Mulher, mina de caroço; desta vez não há de haver parente pobre. Estou tão contente! Ai, mulher, dai-me um púcaro de água, que me desmaio de gosto.

Filha

Paizinho, ai! Diga-nos já, que estamos rebentando pelas ilhargas para o saber.

Sancho

Que hei de ter, filha das minhas entranhas? Que hei de ter, mulher desta alma? Não vedes que segunda vez determino ir por esse mundo com meu amo o Senhor D. Quixote de la Mancha? E vejam vocês se com esta fortuna poderei estar alegre.

Teresa

Marido, segunda vez vos quereis ausentar de meus sujos braços?
Ora deixai-vos ficar.

Filha

Valha-me Deus! Senhor, ainda vossa mercê se mete com esse D.
Quixote? Pois há de tirar bom pão. Assim como da outra vez.

Sancho

Calai-vos lá, porquinha: eu, se vou, é para buscar cabedal para casar-te; e sem dúvida que desta vez faço um fortunão de meus pecados, pois diz meu amo o Senhor D. Quixote que logo em duas palhetadas me há de dar uma ilha para governar; e vejam vocês, sendo eu governador de uma ilha, se terei dinheiro como milho, e teremos pão como terra!

Teresa

Ai, marido, se isso é assim, já digo que vades logo rebolindo, e já lá havíeis estar.

Filha

Diga-me, Senhor pai, e que tal é a ilha de que vossa mercê há de ser governador?

Sancho

É a mais excelente do mundo. É mui grande: tem sete palmos de comprido e dois de largo; tem muita árvore de espinhos. O que me gabam mais é um passeio que tem, de ortigas, que dizem é uma maravilha. Sobretudo tem ao pé dos muros um canteiro de

boninas, que cheiram que tresandam. Tem muito lega-cachorro⁸ e é tão sadia, que todos os anos tem um ramo de peste. Não, quanto a eu ir bem acomodado, nisso não se fala. Tomara-me eu já nessas limpezas, e então, se Deus quiser, casarei a minha Sanchica com um fidalgo. Ouves tu? Bem podes aparelhar esse rabo, que se há de assentar em coche, ou eu não hei de ser quem sou.

Filha

Visto isso, ou hei de ter Dom!

Sancho

Dom e redom, como um alho. Essa seria bonita! Deixaria de ter Dom a filha de um Governador! Parece-me que já estou vendo e ouvindo as vizinhas do nosso lugar, quando tu saíres à rua, dizerem todas pela boca pequena: *Lá vai, lá vai a filha do Governador Sancho Pança.*

Teresa

E eu, marido, como hei de andar?

Sancho

Hás de andar às costas de um mariola, para não pões o teu pé no chão. Mas isso não é do caso; vamos ao alforge que hei de levar para tão longa jornada. Primeiramente, embrulha-me uma canada de vinho em um guardanapo, dois queijos em uma borracha, uma pouca de alcomonia⁹ de sabão mole, um par de alfarrobas, etc. Na outra perna do alforge, quero que vá bem acondicionada a

⁸ *Legá-cachorro* – é termo cômico, Criado pelo autor, para designar suposta planta, por influência da palavra *legação* (planta).

⁹ Doce feito de mel e erva doce.

minha roupa, a saber, camisa e meia, meia ceroula, uma meia sem companheira, um lenço pardo, outro de caneca riscado, dois pescoções de bofetão da Índia. Isto entendo que sobeja para tão larga jornada, fora o que levo no corpo.

Teresa

Olhe você: se quiser levar duas gaiolas de grilos, que estão mui bem Criados, não será mau, para os comer nas estalagens.

Filha

Também poderá vossa mercê levar duas caixas de chicharos¹⁰ de conserva para almoçar, que são bons para a enxaqueca.

Sancho

Tudo é bom: quanto mais, melhor, principalmente os chicharos, pois às vezes tenho umas enxaquecas na barriga, e umas câimbras no nariz, que me matam. Bom fora também levar umas panelinhas de doce de cócaras; porém, mulher, como eu vou para tão longe e com perigo de vida, pois vamos a brigar com todo o mundo, bom será que faça meu testamento; que, ao menos, quando não tenha o fim que pretendo, não se perde o estar feito.

Teresa

Parece-me muito bem; agora vejo que em tudo sois prudente.

Sancho

Vós ainda não sabeis que marido tendes!

¹⁰ *Chicharo*: espécie de feijão.

Teresa

Disso me queixo eu, e ainda mal, que tanto o experimento, pois a miséria com que me tratais me faz ver as estrelas ao meio dia; e, sendo casada convosco há quarenta e dois anos, seis meses, três semanas, doze horas, oito minutos e vinte instantes, nunca em vosso poder me vi com a barriga cheia.

Sancho

Quando eu for governador, tomareis a vossa barrigada. Ide chamar o Tabelaio.

Teresa

Aqui não há Tabelaio, somente quem serve de Tabelaio é o almocreve Antônio Fagundes.

Sancho

Venha quem for, que o testamento é pequeno, e qualquer Tabelaio basta.

Tabelaio

Mas ele aqui vem. Deus o trouxe a bom tempo. *(Sai o Tabelaio, vestido de arrieiro).*

Tabelaio

Guarde Deus a vossa mercê, Senhor Sancho Pança. Como está vossa mercê?

Sancho

Para servir a vossa mercê.

Tabelião

Para servir a nosso Senhor, que lhe dará bom pago. Que quer vossa mercê?

Sancho

Sente-se vossa mercê muito a seu gosto na ponta desse espeto.

Tabelião

Eu aqui me acomodo; estou bem: aos pés de vossa mercê é o meu lugar.

Sancho

Saberá vossa mercê, que eu quero fazer o meu testamento por escrito, que me dizem que o nuncuchupativo¹¹ não é tão bem. Sabe vossa mercê fazer testamentos?

Tabelião

Suposto que eu nunca fizesse testamento, contudo já fiz um escrito de casamento a uma negra; e quem faz uma coisa também faz outra.

Sancho

Isso basta e sobeja. Ora sente-se, aí tem papel selado, que já me serviu em várias necessidades. É bom papel: tudo o que se escreve de uma banda, se pode ler da outra com muita facilidade. Ora ponha uma perna sobre a outra; escreva à sua vontade.

¹¹ *Nuncuchupativo* – é adulteração cômica do termo *nuncupativo*, isto é, feito de viva voz.

Tabelião

De qualquer sorte estou bem, para servir a vossa mercê.

Sancho

Para servir a Deus. Olhe, meu amigo, não faça cerimônias: desaperte-se, tire fora os calções, ponha-se em fralda de camisa, esteja a seu gosto, e enquanto escreve, se quiser tanger bandurra,¹² aí a tenho muito boa, que me veio de Berberia.

Tabelião

Vamos ao testamento, que tenho que ir dar de beber às minhas bestas.

Sancho

Ora vá lá fazendo a cabeça do testamento, que isso pertence aos tabeliães.

Tabelião

Está feita.

Sancho

Vejamos. Homem, esta cabeça não presta. Você não lhe põe cabeleira? Ui, Senhor. Ponha-lha em todo o caso, que este testamento há de aparecer em público, e não é bem que vá uma cabeça sem compostura.

Tabelião

Aí lhe ponho a cabeleira. Que mais?

¹² *Bandurra*: espécie de bandolim.

Sancho

Espere, espere. Já lhe pôs a cabeleira?

Tabelião

Já, sim, Senhor!

Sancho

Valha-me Deus! Não sei se lhe puséramos antes uma carapuça preta, que é cor de quem morre! Veja se lhe pode tirar a cabeleira, por vida sua.

Tabelião

Eu a borro, e lhe ponho a carapuça.

Sancho

Homem, você não pode tirar uma cabeleira a uma pessoa da cabeça, sem a borrar? Ora vá como for, eu cá ao depois lhe farei isso: digo primeiramente...

Tabelião

Mente.

Sancho

Mente ele, grandíssimo magano. A mim me desmente na minha cara?!

Tabelião

Este mente é cá do testamento, que não ofende a ninguém.

Sancho

Isso é outra coisa. Declaro, por descargo de minha consciência, que me chamo Sancho Pança, natural do bom gênio; declaro mais que fui casado dezanove vezes, todas contra minha vontade. Item, que desta última mulher tenho...

Teresa

Criada de vossa mercê.

Sancho

Calai-vos lá, tola; não embarceis o pavio da história. Tenho três filhos, cujos nomes me não lembram por ora. Item, que sou senhor e possuidor de muitos bens móvitos¹³ e de raiz, e outros sem raiz: os móvitos vêm a ser duas bassouras do Algarve, dois esfolinhadores da chaminé, e uma rótula já furada. Item trinta e três cadeiras, que já deram com o couro à sola. Item mais um bufete de pau, que veio de bordo, três painéis já em muito bom uso, a saber; um do mundo às avessas, outro de um navio que pintou o meu pequeno; e outro que já se não sabe que pintura tem; porém supondo que seria boa. Item um espelho de despir sem aço, um mafamede da Índia, com seu tapete de Arraiolos, coberto por cima. Item uma excelente manta de retalhos, que me veio do Japão, e outra, que me há de vir do Jaqueijo. Item, uma formosa teia de aranhas, duas colheres de tartaruga bastarda, um bispote, e o mais trem da cozinha. Ora vamos agora aos bens de raiz: Declaro que tenho umas casas na minha véstia. Item um parreiral de uvas de cão no meu telhado. Item dois vasos, um de ensaião, e outro que teve arruda, que ainda se conhece pelo

¹³ *Móvito* – significa *aborto*. A palavra está aqui, para efeito cômico, tomada no sentido de *móvel*.

cheiro. Item mais uma árvore de geração. Passemos agora ao meu gado. Em primeiro lugar, tenho um burro, que lhe chamam o ruço por alcunha; tenho mais duas cadelas paridas. Declaro que me não devem nada, e que eu devo os cabelos da cabeça. Deixo a minha mulher tudo quanto puder furtar no inventário. Deixo à minha filha Sanchica o meu bom coração e aos meus dois filhos lhes não deixo nada, porque, se o quiserem, que o furtem como eu fiz. Instituo por meu universal herdeiro forçado a um mouro da galé, a quem peço que faça pela minha alma o mesmo que eu fizera pela sua. Tal parte, em lugar do eu de Judas, tantos do mês passado, etc.

Tabelião

Ora assine-se vossa mercê aqui atrás.

Sancho

Atrás só me assinarei, se for pena a sua língua; dou por assinado, que eu em tal não assino.

Tabelião

É preciso, que sem isso não vale nada o testamento.

Sancho

E que tem ninguém que ele valha, ou não valha? Olhem que está galante! De quem é o testamento? Não é meu? Pois posso fazer dele o que quiser. Mulher guardai bem este papel; vede que não o percais, que pode servir para mechas. Ora adeus, mulher; dai-me um abraço.

Teresa

Ai, marido, lembrai-vos da vossa casa; não andeis de noite; não me deis mais penas.

Sancho

Ó filha, não tenho que encomendar-te à tua honra, que é o melhor camafeu que tens. Se alguém, quando estiveres na janela, te fizer um bicho, corresponde-lhe com outro, que a cortesia nunca se perde. Ouves? Nunca dêes o sim a tudo o que te pedirem; porque desta sorte serás bem reputada.

Teresa

Pois, já que te ausentas, ó meu amado Sancho, despeçamo-nos cantando.

Sancho

Ora vá, que eu começo.

Cantam Sancho e a mulher a seguinte

Ária a Duo

Sancho: Adeus, Teresa amada.

Teresa: Não posso dar um passo.

Sancho: Adeus, que não é nada.

Teresa: Oh triste desgraçada!

Sancho: Dá cá, dá cá um abraço.

Teresa: Ai, que eu quero desmaiar.

Mas ai de mim, que vejo?

Sancho: Amado Caranguejo.

Teresa: Teu vil rigor não chora?
Sancho: Chora tu, bela aurora,
 Que eu nunca em despedidas quis chorar.

CENA III

*Mutação de bosque. Aparece D. Quixote
a cavalo com lança e Sancho em um burro.*

D. Quixote

Ainda não creio, amigo Sancho Pança, que me vejo montado em Rocinante, para prosseguir minhas aventuras.

Sancho

Digo-lhe a vossa mercê, Senhor meu Amo, que tenho o rabo nesta albarda e me parece que o tenho na palha da estrebaria. Oxalá que tenhamos melhor ventura que da vez passada!

D. Quixote

Para que tenhamos bom sucesso nesta empresa, e por cumprir com as leis da cavalaria andante e com os ditames do meu amor, quero, Sancho, que vás ao castelo em que vive aquela sem igual Dulcineia del Toboso, minha muito Senhora, e que lhe digas da minha parte que já me acho em campo raso, para batalhar com quantos gigantes tem o mundo, por seu respeito; e que tudo servirá de despojo, para colocar no templo de sua formosura.

Sancho

Senhor, que Dulcineia é esta? Aonde mora? Que tal mulher

entendo não há no mundo. Logo, como quer vossa mercê que eu a busque, se ela não é coisa viva?

D. Quixote

Vai, não repliques; se não, com esta lança te abrirei essa barriga. Vai, que eu te espero aqui debaixo deste tronco.

Sancho

Ora o caso está galante, por vida minha! Donde hei de achar a tal Dulcineia dos demônios? À força quer D. Quixote que haja tal mulher no mundo! Mas de quem me queixo, se eu tenho a culpa de me meter com um louco de pedras? Porém lá vem uma Saloia.¹⁴ Bom remédio; vou-lhe dizer, que esta é Dulcineia, pois a ele tudo se lhe mete na cabeça. Ah, Senhor meu Amo! Venha cá depressa: eis aqui a Senhora Dulcineia, que vem ver a vossa mercê.

D. Quixote

Sancho, como pode ser esta Dulcineia, quando ela é uma Senhora tão galharda? Como pode vir em um burro, quando a carroça de Apolo ainda é pequena carruagem para sua soberania? Não vês uma Saloia feia e trapalhona?

Sancho

Senhor, vossa mercê não se lembra que os encantadores mudam as formas das pessoas, só para que vossa mercê não logre a fortuna de ver a Senhora Dulcineia?

D. Quixote

Dizes bem, Sancho amigo. Oh, mal hajais, malditos encantadores,

¹⁴ Camponesa.

pois mudais a forma de Dulcineia, filis¹⁵ e galharda, em uma Saloia choquenta!

Saloia

Senhores, vossas mercês, que me querem? Larguem-me o freio da burra, deixem-me ir vender as minhas cebolas.

D. Quixote

Espera, ó luz de meus olhos; recebe, antes que te ausentes, este fino amante no regaço de teus agrados, pois só a ti te dedico os suores frios de meus trabalhos. Aqui me tens, ó bela ninfa, pois a teus pés sou idólatra da tua beleza.

Sancho

Ó Princesa da formosura! Ó Duquesa do melindre! Ó Arquiduquesa dos dengues! Não desprezes um andante cavaleiro, que a carqueja do seu amor arde na chaminé dos teus olhos a repetidos sopros da sua mágoa. Ponha vossa mercê os olhos naquele peito, e o verá cheio de cabelos, mais claros cá água, e outros mais ruivos cá canela.

Saloia

Estes homens estão doidos. Vão-se cos Diabos. Vocês vêm zombar de mim? Arre lá! Xó! (*Vai-se*).

D. Quixote

Ó animada exalação, não te desfaças em cintilantes repúdios. Tanto estes encantadores me perseguem, que até fazem com que caias; porém, ó vil canalha, lá virá tempo em que eu me vingue de vós.

¹⁵ *Filis* – graciosa.

Sancho

Digo que vossa mercê tem muito bom gosto em amar a Senhora Dulcineia. Não vi coisa mais peregrina! Deixou-me atoclo,¹⁶ vendo aquele brio!

D. Quixote

Oh, afortunado Sancho, que foste tão feliz, que chegaste a ver sem encantos e transformações aquela deidade humana! Dize-me: é formosa?

Sancho

De formosa passa ela. Se vossa mercê vira aqueles olhos, que pareciam olhos de couve murciana! O nariz, isso era cair um Homem de cu sobre ele; tinha umas mãos de rabo; o corpo parecia corpo de delito, pelo que matava a todos; os cabelos não vi eu, só o que eu vi foram dois piolhos de rabo, que lhe saíam pelos buracos da coifa. O que mais me regalava era ver umas rosquinhas doces, que fazia junto ao pescoço. Enfim, Senhor, os pés eram dois pés de cantiga. Eu confesso, que se não fora casado, que a tal Senhora Dulcineia não me escapava.

D. Quixote

Ó Sancho, espera! Não vês que lá vem um castelo movediço, com muita gente dentro? Grande dia se nos espera! Deus seja conosco.

Sairá um carro tirado de uma mula, sobre a qual virá um Diabo; dentro do carro virá a Morte, Cupido, um Anjo, um Imperador e outra figura muito bem vestida.

¹⁶ *Atoclo* – corruptela popular de *atônito*; admirado.

Sancho

Ai, miserável Sancho, aonde estás metido! Melhor me fora estar na minha aldeia, que não vir agora ver estes gigantes Engolias.¹⁷

D. Quixote

De que temes, cobarde? Olha, não vês estes gigantes vivos? Pois logo os verás mortos. Ó vós, quem quer que sejais, dizei-me quem sois, e aonde ides.

Diabo

Senhor, nós somos uns pobres representantes de comédia, que íamos já vestidos para fazer um auto sacramental aqui a uma quinta; eu faço papel de Diabo, este de Anjo, este de Morte, este de Imperador; e os mais fazem vários papeis.

D. Quixote

Ora sempre as coisas se devem primeiro especular antes que se façam. Se não vos declarais, hoje aqui todos ficaríeis mortos, cuidando que éreis gigantes ou encantadores.

Sancho

Boas novas te dê Deus, que eu já estava sem pinga de sangue no corpo.

Sai um Diabo com cascavéis, e espanta-se o cavalo de D. Quixote, e cai no chão, e o Diabo monta no burro de Sancho.

¹⁷ *Engolias* – Termo formado pelo processo da etimologia popular: *Golias*, nome do gigante morto por David.

Sancho

Jesus, nome de Jesus! Lá vai meu amo ao chão! Ah, Senhor, não caia; espere, que eu já lhe vou acudir.

D. Quixote

Ai de mim! Acode-me, Sancho, que quebrei o espinhaço.

Sancho

Ai Senhor, que o Diabo lá me leva o meu ruço! Ó ruço dos meus olhos, ó prenda de minhas nádegas, ó centro de minhas bebas; que será de mim sem os teus sonoros zurros? Senhor, para aqui são as lágrimas. Ah, Senhor, que o Diabo levou o meu burro!

D. Quixote

Que Diabo?

Sancho

O Diabo das bexigas. Jesus Sagrado! Ah, sô Diabo, largue o meu burro, por vida de Ferrabrás.

D. Quixote

Por vida de Dulcineia, que os do carro me hão de pagar. Esperai, turba alegre e folgazona, que eu vos ensinarei o como se tratam os burros dos escudeiros dos cavaleiros andantes. *(Sai o burro)*.

Sancho

Senhor, não pelejemos, que o burro já aí está, escusemos tantas mortes.

D. Quixote

Bem está: a prudência às vezes é melhor que o valor; ide-vos em paz.

Sancho

Ouvis lá? Bom padrinho tivestes no meu burro, que, se não aparece, tudo vai à espada.

CENA IV

*Mutação de selva e a um lado estará um Cavaleiro
reclinado, e um moço, e sairá D. Quixote e Sancho Pança.*

D. Quixote

Sancho, ata este cavalo a esse tronco, que já o Sol se escondeu no vestuário de Tétis, depois de fazer primeiro galã dos astros na comédia do dia.

Sancho

Boa metáfora; mas eu tenho a barriga vazia e não estou para ouvir conceitos. Olha vossa mercê, Senhor. Ali estão dois homens reclinados sobre a relva e dois cavalos atados naquele salgueiro, que fazem quatro.

D. Quixote

Algum Cavaleiro andante deve ser, que anda buscando aventuras.

Canta o Cavaleiro o seguinte

Minuete

Sem ter melhora
Meu peito ardente
A chama sente
Do deus rapaz.¹⁸
Que amor parece,
Ninguém duvida,
Porque a ferida
Bem clara está.
Suspende a frecha,
Deus fermentado;
Ouve o gemido
Que o pranto faz.

Sancho

Ele canta com bom estilo, e à moda.

D. Quixote

Segundo a letra e o afeto, mostra estar namorado. Valha-te Deus, amor, que até nos peitos de bronze introduzes corações de cera! Senhor cavaleiro, como a sociedade nos homens é significativo do racional, por isso não estranhe vossa mercê o meu atrevimento em interromper as sonoras cláusulas do seu sentimento; porém, como as penas comunicadas são menos sensíveis, diga-me vossa mercê o que sente, que, se o alívio de suas mágoas consistir na ponta desta lança e fio desta espada, tenha por certo que o hei de fazer.

¹⁸ *Deus rapaz* – Cupido, deus do amor.

Carrasco

Honrado cavaleiro bem parece que tendes generoso ânimo, e assim vos agradeço essa oferta; mas sabereis que a mim por ora me não ofendem inimigos, senão uma inimiga, cujo rigor me tem morto e me faz andar renovando a cavalaria andante, só por ver se posso aplacar o seu desdém, oferecendo-lhe a cabeça de um gigante.

D. Quixote

Com que, vossa mercê é cavaleiro andante? Ora ajunte-se comigo e falemos na matéria, que, como professor dela estimo muito estas práticas.

Criado¹⁹

Enquanto nossos amos lá praticam sobre os seus amores e valentias, vamos dando à taramela e fazendo pela vida.

Sancho

Meu amigo, agora fico mais consolado nos meus infortúnios, pois mal de muitos consolo é. Até aqui, cuidava que só eu era desgraçado, em ser escudeiro de cavaleiro andante; mas já vejo que vossa mercê nasceu debaixo da minha estrela.

Criado

Como se chama seu amo?

Sancho

D. Quixote de la Mancha para servir a vossa mercê, que nunca tal Homem nascera no mundo, pois por ele tenho padecido o que Deus sabe: basta deixar a minha casa com tudo quanto tinha nela.

¹⁹ *Criado* – de Sansão Carrasco. – Seguem-se dois diálogos paralelos: do Criado de Sansão Carrasco com Sancho Pança, e de Carrasco com D. Quixote.

Criado

Tendes filhos?

Sancho

Boa está essa! Com que destes anos ainda não havia de ter filhos? Tenho uma rapariga, meu amigo, que dá com a cabeça no teto da casa, e é mui valente e desembaraçada. Quando come, não usa de cerimônias; despeja uma casa com a maior limpeza do mundo; e sobretudo tem o mau cheiro da boca, que é mal de que fogem todos. Quero-lhe como aos meus olhos, que fora da sua vista, os vejo cheios de lágrimas.

Criado

E os meus estão mui cheios de sono. Durmamos?

Sancho

Durmamos.

Carrasco

Como lhe vou contando a vossa mercê, a Senhora a quem amo é uma Calcideia de Vandália, nome suposto com que a apelido nas minhas obras poéticas. Esta enfim, me disse que, se a quisesse receber por esposa, fosse pelo mundo e fizesse confessar que ela era a mais bela e formosa dama que havia no Orbe. Tenho feito confessá-lo a muitos, e ultimamente ao grande D. Quixote de la Mancha, o qual disse que minha Senhora Calcideia de Vandália era mais formosa que a sua Dulcineia del Toboso. Com que, vencendo eu a D. Quixote, que venceu a todos os cavaleiros do mundo, venho a vencer a todos, vencendo a quem a eles os venceu.

D. Quixote

Sem dúvida, Senhor Cavaleiro, entendo que estais enganado, por ser impossível que vençais a um D. Quixote; e basta que eu vos diga que nenhum cavaleiro do mundo o pode vencer; e por vos não desmentir, digo que algum encantador inimigo de sua glória tomaria a sua forma, para que, ficando vencido, não se coroasse a fama de seu valor com eterno diadema; e tanto assim, que não há dois dias que estes mesmos encantadores transformaram a Senhora Dulcineia del Toboso, sendo a mais gentil deidade que calçou coturno, em uma Saloia suja, hedionda e terrível. Com que, Senhor, entendi que não vencestes a D. Quixote verdadeiro.

Carrasco

Tão verdadeiro e tão o mesmo, que mais não podia ser.

D. Quixote

Digo que tal não há; pois D. Quixote é este que vedes presente. Vede como o podíeis vencer. (*Levanta-se*).

Carrasco

Pois verdadeiro ou fingido, sempre o venci; tenho dito.

D. Quixote

Pois, cavaleiro, bom remédio: em campo raso e em singular desafio, veremos qual é mais valente.

Carrasco

E o que ficar vencido ficará ao arbítrio do vencedor.

D. Quixote

Não duvido. Sancho, Sancho, acorda, que já a Aurora, rasgando o manto da noite, veste o pólo de rubicundos adornos; Sancho, acorda.

Sancho

Senhor, Senhor, eu vos arrenego, canalha. Não deixareis dormir a um pobre escudeiro andante?

D. Quixote

Sancho amigo, acorda, que já o Sol te dá de rosto com as suas luzes.

Sancho

E que tenho eu com isso? Senhor, vossa mercê cuida que eu também sou doido como vossa mercê, para não dormir? Apenas tinha pegado no sono com as pontinhas dos dedos, quando logo mo fez largar. Que quer que diga? Valha-o mil Diabos!

D. Quixote

Vai selar o rocinante, que temos que brigar esta manhã com aquele cavaleiro do bosque. Anda Sancho; vai depressa.

Sancho

Estou dormindo, que é o mesmo que estar ninando. Ora salve Deus a vossa mercê. Ah, Senhor, eu devo de ter muita cólera na barriga.

D. Quixote

Porque, Sancho?

Sancho

Porque me sabe a boca a ferro-velho.

D. Quixote

É porque logo havemos de brigar com este cavaleiro do bosque, que o desafiei. Ele deve de ser pessoa particular, porque traz mascarilha.²⁰

Sancho

Ora, Senhor, cuide vossa mercê noutra coisa; brigar logo de manhã é asneira.

D. Quixote

Faze o que te digo e não me repliques. (*Traz Sancho o cavalo*).

D. Quixote

Cavaleiro, quem quer que sois, já estamos em campo raso; vereis se sou eu o mesmo D. Quixote a quem vencestes.

Carrasco

Quem vos venceu transformado, melhor vos vencerá verdadeiro.

Sancho

Senhor D. Quixote, por vida da Senhora Dulcineia lhe peço que me ajude a subir naquele zambujeiro, que quero ver touros de palanque.

²⁰ *Traz mascarilha* – Sansão Carrasco, para não ser reconhecido, trazia máscara sobre os olhos.

D. Quixote

Avançai, bom cavaleiro. (*Investem os cavaleiros e cai Carrasco*).

D. Quixote

Sancho, acode, que vencemos.

Sancho

Agora, sim. Corte-lhe vossa mercê logo a cabeça, pelo que *potest succedere*.²¹

D. Quixote

Tira-lhe a máscara.

Sancho

Ah, Senhor, que ele bole! Suba-me outra vez ao zambujeiro.

Carrasco

Ai de mim! Venceste, D. Quixote: negar não posso que sois o mais valente cavaleiro do Universo.

D. Quixote

Haveis de confessar que minha Senhora Dulcineia del Toboso é mais formosa que a vossa Calcideia de Vandália, tirando para isso a máscara. Mas que vejo! Não sois vós Sansão Carrasco? (*Tira-se-lhe a máscara*).

Sancho

É boa história! Veja vossa mercê, se não fala, como o leva o Diabo de meio a meio.

²¹ *Potest succedere* (succedere) – pode suceder. – Em várias cenas das suas comédias, emprega o autor frases ou termos latinos, mesmo na boca de Sancho.

Carrasco

Eu sou vosso amigo Sansão Carrasco, que quis vir disfarçado a ver se vos vencía, para que assim tornásseis para casa, sem essa loucura; mas já vejo que sois verdadeiro cavaleiro andante, e negá-lo não posso.

D. Quixote

Ide em paz e dizei a esse barbeiro incrédulo que vos cheguei a vencer; para que fique desenganado que sou cavaleiro andante.

Sancho

Ide em paz e dizei a esse barbeirinho que quem vence a um Carrasco é o mesmo que vencer a morte.

CENA V

*Mutação de selva, e sairá um Homem
com um carro, e dentro um leão em uma capoeira.*

Homem

Grande trabalho me tem dado a condução deste leão, pela fragosidade dos caminhos; e queira Deus que seja bem pago do meu trabalho. (*Saem D. Quixote e Sancho*).

D. Quixote

Sancho Pança, não vês aquele vulto? Pois não é menos que uma rara aventura que nos espera.

Sancho

Senhor, não ande cuidando nisso; porque tudo quanto vir lhe há de parecer aventura; pois *da imaginação nascem as causas*.

D. Quixote

Ó Sancho, tu sabes Filosofia? Quem te ensinou isso?

Sancho

Eu mesmo. Vossa mercê cuida que eu sou algum leigarrão? Sabe vossa mercê que mais? Que dentro daquela gaiola vem um formoso leão.

D. Quixote

Um leão! Ó Homem do leão? Da parte de Deus te requiero que soltes esse leão que quero brigar com ele, para o que já o espero à boca da capoeira. (*Apeia-se D. Quixote*).

Sancho

Adeus, pobre Sancho Pança! Bem aviados estamos: quer agora também brigar com leões! (*À parte*).

Homem

Senhor passageiro, requiero a vossa mercê que este leão é africano, feroz e terrível, e que vai de presente a um fidalgo, que o manda o Grão Turco.

D. Quixote

Que tenho eu com o Grão Turco, nem com o fidalgo? De duas uma: ou tu hás de soltar o leão, ou te hei de matar; porque me diz o coração que nele vem transformado algum gigante.

Sancho

Ó Homem, tem mão; não soltes esse leão, que é mui faraó.²²

Homem

Pois vossa mercê quer que o solte? Veja lá o que diz; ao depois não se queixe.

D. Quixote

Solta-o, não ouves?

Sancho

Tem mão, Homem, não o soltes. Ah Senhor leão, não me faça mal; lembre-se que já comemos e bebemos ambos muitas vezes. Vossa mercê não é o leão do Carmo? Desgraçado Sancho Pança! Quanto melhor me fora estar antes enterrado em um carneiro,²³ que na barriga de um leão! Ah sô leão, vossa mercê vem enganado; eu não fui o que o desafiei. Ali está meu amo, que o chama; vá para lá; e, já que eu hei de morrer, quero morrer cantando, como fez D. Cisne das Alagoas, e talvez que este leão seja amigo de árias.

Canta Sancho a seguinte

Ária

Ai, que estou tremendo!

Ai, que já me agarra!

Oh, como estende a garra!

²² *Mui faraó* – muito feroz.

²³ *Carneiro* – sepultura.

Ai, ai! Tomara-me esconder.
Vai-te, monstro horrendo!
Tem dó do pobre Sancho,
Recolhe o duro gancho,
Que já me faz tremer.
Acomete o leão a D. Quixote e este o mata.

D. Quixote
Bruto rei das montanhas, porque foges de um cavaleiro andante?
Vem a acometer-me, e verás o meu valor.

Sancho
Ó cão leão, a ele: espere, que eu vou. Vítor D. Quixote.²⁴

D. Quixote
Daqui em diante não quero que me chamem o Cavaleiro da Triste
Figura, senão o Cavaleiro dos Leões, em memória deste caso.

Homem
Não vi mais valente Homem no mundo! Vou pasmado!

CENA VI

*Mutação de bosque, e no meio haverá um monte e um
Homem; e pelo monte descera D. Quixote e Sancho Pança.*

Sancho
Mui fragosa e escorregadia é esta terra! Muito tropeça o meu burro!

²⁴ *Vítor D. Quixote!* – viva D. Quixote. – *Victor* (Lat. Vencedor) era interjeição designativa de aplauso aos vencedores.

D. Quixote

Ó Vilão, dizei-me: que fazeis aí, e que monte é este?

Vilão

Este monte, Senhor, é aonde está aquela célebre cova encantada, que chamam a cova de Montesinos.

D. Quixote

Oh, quem tivera um tesouro, que dera em alvíssaras! Vês aqui, Sancho, quando dizem: vêm as fortunas, sem ser esperadas. Há quantos anos que eu andava buscando esta cova, donde está encantado aquele célebre cavaleiro andante chamado Montesinos? Pois a ocasião se nos meteu nas mãos; não tenho mais remédio que descer por ela a desencantar este bom cavaleiro.

Sancho

Tire vossa mercê daí o sentido; só esta me faltava para sofrer! Que tenho eu com Montesinos, nem ele comigo? Vá vossa mercê cos Diabos, se quiser, que eu não quero enterrar-me em vida. Ainda me lembra o leão. (*À parte*).

D. Quixote

Anda, Sancho, que, se agora não achamos a ilha para seres governador, nunca a acharemos. Vem, que serás bem premiado, pois aqui nesta cova há muito ouro, e isto são minas encantadas.

Sancho

Uma vez que são minas, eu vou; que mais vale uma hora rico, que toda a vida pobre.

D. Quixote

Amigo, ficai guardando estes animais, e vede se tendes aí algumas cordas, com que nos ateis pelas cinturas, para que não caiamos, e demos lá no profundo.

Vilão

Aqui estão, pois eu sou o guarda desta cova, e já estou aparelhado para este ministério.

D. Quixote

Pois ata-nos bem; quando disser *larga mais a corda*, vai largando.

Sancho

Tanto que tiveres deitado quatro palmos, puxa logo para fora.

D. Quixote

Sancho, faze um ato de contrição, e fecha os olhos.

Sancho

Ora graças a Deus, que vou a enterrar em vida. Bem fiz eu em fazer o meu testamento. Ai, Senhor, que aí vem uma legião de gigantes! Misericórdia, meu Deus! Xó, Diabo! Aqui del-Rei,²⁵ que estou com as gralhas na alma.

D. Quixote

De que te assustas? São uns passarinhos que vem a aplaudir a nossa entrada.

²⁵ *Aqui del-Rei* - acudam-me!

Sancho

São passarinhos! Oh, quem me dera ter aqui a minha espingarda.

D. Quixote

Amada Dulcineia, a ti me encomendo neste perigoso transe. Ajudai-me a levar com paciência estes rigores. Sancho, ou morrer, ou viver.

Sancho

Essa razão me encova.

CENA VII

Mutação de colunata, que depois se mudará em jardim de figuras tristes; e sairá Montesinos com barbas grandes, sotaina²⁶ e gorra; e virão descendo D. Quixote e Sancho.

Sancho

Ah, Senhor, é um regalo voar um Homem, como se fora um pardal!

D. Quixote

Graças a Deus, que chegamos! Vês, Sancho, que admirável palácio? Vês estas colunas dóricas e coríntias? Olha estes jaspes! Que te parece?

Sancho

Parece-me que tudo isto é pintado em tábuas de pinho; mas ainda assim, eu quisera antes andar voando, que me regala.

²⁶ *Sotaina*: batina.

Há dentro terremoto, e escurece tudo, ouvindo-se muitos ais, lamentos, raios e trovões.

Sancho

E que diz vossa mercê agora destas colunas e destes jaspes coríntios? Senhor, nós estamos no Inferno a bom livrar. Os cabelos se me arrepiam. Ai, Senhor, não sei que suor frio me vai dando! Eu me mijo por mim.

D. Quixote

Agora verás, ó nobre escudeiro Sancho Pança, as prerrogativas de um cavaleiro andante. Dize-me: ouviste contar algum dia a teus avós façanha como esta? Viste algum dia em letra redonda ou grifa dizer que algum cavaleiro, o mais intrépido, fizesse ação tão sobrenaturalmente heroica, como a que com os teus olhos estás vendo? Viste como valoroso campeão me arrojai a esta cova?

Sancho

Isso mesmo faz qualquer defunto.

D. Quixote

Viste como, depois de encovado, penetrei as duras entranhas dessa penha, abrindo caminho com a espada na mão, derrubando montes, ou para melhor dizer, gigantes amontoados, até que chegamos a este abismo?

Sancho

Meu amo é um abismo! (*À parte*). Mas diga-me, Senhor, aonde estamos nós?

D. Quixote

Estamos no Inferno.

Sancho

Em Purgatório está quem lida com vossa mercê. É boa graça! Com que, parece-lhe a vossa mercê que isto é Inferno? Ora o certo é que está pouco visto em matérias de Inferno.

D. Quixote

De que te espantas, animal?

Sancho

Porque sou animal, por isso me espanto. Ora venha cá: quem se não há de espantar de ouvir dizer a vossa mercê que está no Inferno assim à chucha calada, e eu também, sem me doer pé nem mão, graças a Deus?

D. Quixote

Sancho, eu não tenho culpa que sejas um simples escudeiro, sem notícias, nem literatura. Se tu leras a Virgílio, no sexto livro das Eneidas, lá verias que também Eneias foi ao Inferno, e lá viu a seu pai Anquises e a Rainha Dido.

Sancho

Essa Rainha Dedo era macho, ou fêmea?

D. Quixote

Não se sabe de certo; o que se diz é que era mulher varonil.

Sancho

Visto isto era macha-fêmea! Com que, Senhor, uma vez que Eneias foi ao Inferno, vá vossa mercê também; mas não consta que Eneias tivesse escudeiro, como vossa mercê tem.

D. Quixote

Ora, Sancho amigo, tem valor, que agora quero tratar do desencanto do Senhor Montesinos, que para esse fim fui aqui trazido.

Canta D. Quixote a seguinte

Ária

Ó magia bárbara
De fúria indômita,
Humilha tímida
O fero encanto
Do teu furor,
Que o braço rígido
Com fúria ríspida
Vence colérico
A ira ingente
De teu rigor.

Torna a haver terremoto.

Sancho

Ai, Senhor! Que Diabo de ilha, ou de cova é esta? Eu nela não quero enterrar-me! Vamos, Senhor!

D. Quixote

Sombras vãs, encantadores malévolos, apesar de vossos encantos hei de ver a Montesinos. Ó Montesinos? Montesinos? (*Sai Montesinos*).

Montesinos

Sejas mil vezes bem-vindo, ó sempre valoroso D. Quixote de la Mancha, flor, nata, e espuma dos cavaleiros andantes; só tu tiveste valor para me desencantares, ressuscitando a antiga andante cavalaria. Chega a meus braços.

D. Quixote

Valoroso Montesinos, não tens que me agradecer esta ação; pois o que faço por ti faria por outro qualquer, que assim mo insinuam as leis da cavalaria.

Montesinos

Chega a meus braços, tu, célebre escudeiro Sancho Pança, pois também participas um esgalho deste laurel.²⁷

Sancho

Sou Criado de vossa mercê. Eu já estou desmamado, graças a Deus; eu não quero que vossa mercê me desmame. Assim sou eu asno, que me chegue àquelas barbas! Peça de baeta animada e escova vivente me parece o tal Montesinos. (*À parte*).

Montesinos²⁸

Já que aqui viestes, ilustre D. Quixote, a desencantar-me, peço-

²⁷ *Laurel* – coroa de louros.

²⁸ *Montesinos* – O episódio de Montesinos e Belerma encontra-se nos capítulos XXII e XXIII da Parte II do *D. Quixote*.

vos que desencanteis também a Senhora Belerma, que foi dama do valente cavaleiro Duroante,²⁹ que por causa dele vive aqui encantada.

D. Quixote

Por mulher, e por ser dama de um tão valente cavaleiro, me toca desencantá-la. Aonde está?

Montesinos

Agora o vereis.

Mudam-se os bastidores, e aparece um jardim com figuras de pedra e sairá Belerma.

Belerma

Prostrada a vossos pés, valoroso D. Quixote, vos rendo as graças de tão generoso capricho. Escutai com melhor acento o meu agradecimento.

Canta Belerma o seguinte

Minuete

Belerma mísera,

Suspira e sente

A morte dura

De seu valente,

Galhardo amor.

Agora em cânticos

²⁹ *Duroante* – Na obra de Cervantes, o amante de Belerma chama-se *Durandarte*.

Louvar procura
O braço ingente
De um glorioso,
Feliz, ditoso
Libertador.

D. Quixote

Formosa Belerma, enxugai esses aljôfares; não tomeis o ofício da Aurora, sendo vós um Sol.

Sancho

Ah, Senhora Belermina, dê-me vossa mercê esses aljôfares para levar à minha Teresa Pança. Não os deite fora.

Torna a cantar Belerma.

Quixote ínclito,
Em cujo peito
Cupido e Marte
Fazem perfeito
Laço de amor.
Teu braço bélico,
Porque se exalte
Já com efeito,
Em males tantos,
Enxugue o pranto
Que amor causou.

D. Quixote

Que te parece, Sancho, o que se encerrava nesta cova?

Sancho

Senhor, *palabras y plumas el viento las leva*. Vamo-nos, que não sei o que me adivinha o coração.

Na última cláusula muda-se a aparência, e há terremoto, e levam pelos ares a D. Quixote e Sancho.

D. Quixote

Belema, Montesinos, vede que os encantadores me levam para vos não desencantar; bem vistes a minha vontade.

Sancho

Ai que rica coisa! Agora sim; voemos, Senhor até cair de uma bala. (*Aparece o monte em cima*).

D. Quixote

Oh, mal hajias, infame Homem, que nos tirastes da maior suavidade e consonância que se pode imaginar! Por tua culpa não desencantei a Montesinos e Belerma.

Sancho

Por tua culpa, bêbado, não desencantei as minas e a ilha encantada. Ai que estou mui cansado de voar! Diga-me, Senhor, aonde está a mina que achamos? Tudo foram voos, por isso agora tudo são penas. Diga-me vossa mercê que me meta eu noutra cova! Para aqui!

D. Quixote

Sancho, bem viste que da minha parte fiz o que devia, pois, destemido e valoroso, cheguei a penetrar as entranhas desse abismo; com que, se nesta ocasião não consegui o que desejava, em outra o conseguirei, e tu alcançarás essa tão desejada e alta ilha.

Sancho

Antes creio que nunca a alcançarei.

D. Quixote

Por quê?

Sancho

Porque, como sou curto dos nós, não poderei alcançá-la pela altura dos graus.

D. Quixote

Ora anda comigo, não te agastes, que sem dúvida serás premiado.

CENA VIII

Mutação de selva.

D. Quixote

Há dias, que trago no pensamento uma coisa, que me tem causado grande cuidado: dar-se-á caso que os meus inimigos encantadores tragam transformada a beleza da Senhora Dulcineia em a figura de Sancho Pança! E os motivos, que tenho para isso, é ver a paciência com que este escudeiro me atura as minhas impertinências, sem salário algum; e ver que jamais foi possível ver eu a Dulcineia no seu original e nativo resplendor. Tudo pode ser que seja; pois se leem nos antigos livros da Cavalaria andante outras transformações de ninfas, ainda em mais ruins figuras, qual a de Sancho Pança; e porque este pensamento não é fora de conta, bom será averiguá-lo, que a diligência é mãe da boa ventura. (*Sai Sancho*).

Sancho

Senhor, o rocinante está esperando que vossa mercê o cavalgue, e tem dado tais relinchos, pulos e ventosidades, que suponho nos prognostica alguma boa ventura.

D. Quixote

E, se bem reparo agora nas feições deste Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcineia; porque sem duvida Sancho às vezes o vejo com o rosto mais afeminado, que quase me persuado está Dulcineia transformada nele.

Sancho

Meu amo está no espaço imaginário! (*À parte*). Ah, Senhor, toca a cavalgar, que o rocinante está selado e o burro albardado. Senhor, vossa mercê ouve?

D. Quixote

Sim, ouço. Que seja possível, prodigioso enigma de amor, galharda Dulcineia del Toboso, que os mágicos antagonistas de meu valor te transformassem em Sancho Pança.

Sancho

Ainda esta me faltava para ouvir e que aturar! (*À parte*). Que diz, Senhor? Está louco? Com quem fala vossa mercê?

D. Quixote

Falo contigo, Sancho fingido, e com Dulcineia transformada.

Sancho

Se vossa mercê algum dia tivesse juízo, dissera que o tinha perdido. Que Sancho fingido, ou que Dulcineia transformada é esta?

D. Quixote

Não sei como agora fale, se como a Sancho, se como a Dulcineia! Vá como quer que for. Saberás que os encantadores têm transformado em tua vil e sórdida pessoa a sem igual Dulcineia. Vê tu, Sancho amigo, se há maior desaforo, se há maior insolência destes feiticeiros, que emascarar o semblante puro e rubicundo de Dulcineia com a máscara horrenda de tua torpe cara.

Sancho

Diga-me, Senhor, por onde sabe vossa mercê que a Senhora Dulcineia está transformada em mim?

D. Quixote

Isso é o que tu não alcanças, simples Sancho. Pois sabe que nós, os cavaleiros andantes, temos cá um tal instinto, que nos é permitido conhecer aonde está o engano e transformação pelos eflúvios que exala o corpo, e pela fisionomia do rosto.

Sancho

Basta que conheceu vossa mercê pela simonetria do rosto! Pois, Senhor, que parentesco carnal tem a minha cara com a da Senhora Dulcineia? Ora eu até aqui não cuidei que vossa mercê era tão louco! Cuido que nem na vida de vossa mercê se conta semelhante desventura.

D. Quixote

Quanto mais te desconjuras, mais te inculcas, que és Dulcineia; deixa-me beijar-te os átomos animados desses pés, já que me não permites tocar com os meus lábios o jasmim dessa mão. Dulcíssima Dulcineia! *(Chega-se D. Quixote para abraçar a Sancho).*

Sancho

Aqui del-Rei, Senhor, que não sou Dulcineia. Tire-se lá; olhe que lhe dou uma canelada.

D. Quixote

Ora meu Sancho, dize-me aqui em segredo se és Dulcineia, que eu te prometo um prêmio!

Sancho

Como, Senhor, lho hei de dizer? Sou tão macho como vossa mercê.

D. Quixote

Sancho, nesse mesmo dengue agora confirmo mais que és Dulcineia.

Sancho

Ora leve o Diabo o dengue! Que queira vossa mercê que à força seja eu Dulcineia ensanchada, ou Sancho endulcinado! Ora, pois, já que quer que eu seja Dulcineia, chegue-se para cá, que lhe quero dar dois coices.

D. Quixote

Tu me queres dar coices? Agora vejo que não és Dulcineia; pois Dulcineia, tão formosa e tão discreta nunca podia ser besta, nem ainda transformada, para dar o que me ofereces com a tua grosseria. (*Dentro instrumentos*).

D. Quixote

Não ouves, Sancho, uma suave harmonia?

Sancho

É verdade! Espere vossa mercê, que lá vem voando o que quer que é.

Desce a Musa Calíope³⁰ em uma nuvem, e D. Quixote e Sancho se lhe põem de joelhos.

D. Quixote

Soberana Ninfa.

Sancho

Ninfa Soberana.

D. Quixote

Íris³¹ deste horizonte.

Sancho

Arco-da-velha³² deste horizonte.

D. Quixote

Que rasgando diáfanos vapores...

Sancho

Que rasgando nuvens de papelão...³³

D. Quixote

Te ostentas deidade.

³⁰ *Calíope* – musa da epopeia e da eloquência.

³¹ Íris – arco-íris.

³² *Arco-da-velha* – designação popular do *arco-íris*.

³³ *Nuvens de papelão* – Sancho, sempre prático, contrapõe aos *diáfanos vapores*, da fantasia de D. Quixote, as nuvens representadas no papelão do cenário.

Sancho

Te ostentas já de idade.³⁴

D. Quixote

Que queres de um cavaleiro andante?

Sancho

Que queres de um escudeiro, tolhido de pés e mãos?

Calíope

Valente D. Quixote de la Mancha, Cavaleiro dos Leões, eu sou a musa Calíope, a primeira e principal das nove que assistem no monte Parnaso. Aqui venho a teus pés, enviada por meu amo, o Senhor Apolo, o qual, como sabe que tens professado a estreita religião da cavalaria andante e tens de obrigação o desfazer agravos, socorrer aflitos, e restaurar honras perdidas, por essa causa te manda pedir encarecidamente queiras ir ao Parnaso, aonde se ele acha, cercado de uns Poetas malélicos, que o querem despojar do trono; e juntamente para reformares a Poesia, que se acha quase arruinada; para o que eu da minha parte, como tão interessada neste desempenho, te suplico com o suave de minhas vozes, pois é certo que a música tem virtude para atrair os corações mais duros.

Sancho

Aqui nos encaixa uma ária à queima roupa.

Canta Calíope a seguinte

³⁴ *Já de idade* – é trocadilho cômico da palavra *deidade*, pronunciada por D. Quixote.

Ária

Se um gigante inficionado
Morre infame desmaiado
Entre as mãos de teu valor,
Quem haverá que te resista,
Quando o teu braço conquista
A um gigante disfarçado
Entre as garras de um leão?

D. Quixote

A dificuldade está no modo com que hei de ir ao Parnaso; pois sei que o meu rocinante não tem asas, como o Pégaso.

Sancho

E o meu burro só tem asas nos pés para fugir.

Calíope

O modo com que haveis de ir ao Parnaso é desta sorte.

Voam na nuvem Calíope, D. Quixote e Sancho, e aparece o Parnaso, e canta o

Coro

Atenção, silêncio,
Que neste de Arcádia famoso jardim
Se ostenta galhardo o délfico Apolo
Em músicas gratas, em metros sutis
Atenção, silêncio,

As fontes não riam,
As aves não cantem,
Porque não perturbem do verde bicórnio
O cântico grave de Musas gentis.

CENA IX

Mutação de selva, e o Monte Parnaso e Poetas.

Apolo

Esperai, bastardos filhos de Apolo, que cedo virá quem me vingue de vossas injúrias.

Poetas

Já não te reconhecemos, ó Apolo, por deus da poesia; pois qualquer de nós é um Apolo, e cada ideia nossa uma Musa.

Apolo

Assim vos atreveis a profanar o decoro que se deve aos meus apolíneos raios? (*Sai D. Quixote, Sancho e Calíope*).

Poetas

Toca a investir ao Parnaso.

Apolo

Em boa hora venhas, valente D. Quixote, que só a tua espada me pode segurar o trono e o laurel. Vem, vem a vingar-me destes poetazinhos, que sem mais armas que a sua presunção, querem, não só competir com o meu plectro, mas ainda intentam

despojar-me do Parnaso; e, como as armas e as letras são tão fiéis companheiras, quero-me valer das tuas armas para a restauração de minha ciência; e como esta violência, que se me faz, não desmerece os empregos da tua cavalaria, peço-te que me socorras.

D. Quixote

Senhor Apolo, eu tomo sobre mim o teu desagravo, e já desde agora se pode assentar bem nesse trono, que dele ninguém o há de arrancar.

Sancho

Senhor meu Amo, eu cuido que estou sonhando. Que vossa mercê entre no Parnaso, não é muito, porque é louco; porém eu, que, sendo um ignorante, também cá esteja, é o que mais me admira; e daqui venho agora a concluir que não há tolo que não entre hoje no Parnaso.

D. Quixote

Diga-me, Senhor Apolo; e como se chamam os Poetas, que tanto o perseguem?

Apolo

Essa é a desgraça, D. Quixote; que os Poetas que me perseguem não são de nome; e, contudo, cada um cuida que é mais do que eu mesmo.

D. Quixote

Dizei-me, Poetas de água doce; dizei-me, rãs que grasnais no charco da Cabalina;³⁵ dizei-me, cisnes contrafeitos, que vos

³⁵ *Cabalina* – fonte que brotou de uma patada do cavalo Pégaso.

banhais nos lodos da Hipocrene;³⁶ com que motivo quereis competir com o Deus da Poesia?

Poetas

Porque esse Apolo, como não inspira, não merece o nome de Apolo; e assim queremos tomar-lhe o Parnaso, e reparti-lo entre nós.

Sancho

Senhor, não se meta a brigar com os Poetas, que são piores que gigantes. Veja vossa mercê que eles trazem um exército de dez mil romances, quatro mil sonetos, duzentas décimas, oitenta madrigais, e um esquadrão de sátiras volantes em silva, que arranha. Veja bem em que se mete.

D. Quixote

Nada me assombra; porque eu só com esta espada hei de vencer a quantos Poetas há no mundo. Cerra,³⁷ Espanha; viva Apolo, e morram traidores! (*Há bulhas e gritos, entre D. Quixote, Sancho e Poetas*).

Apolo

A eles, meu D. Quixote, que a vitória é nossa!

Sancho

Aqui del-Rei, que estou passado de parte a parte com um soneto em agudos!

D. Quixote

Já fugiram como mosquitos.

³⁶ *Hipocrene* – outra fonte, onde os Poetas bebiam inspiração.

³⁷ *Cerra* – avança. Grito de guerra, para se avançar contra o inimigo.

Sancho

Avança, que com esta gente sou eu gente.

D. Quixote

Já, glorioso Apolo, podes cantar a vitória.

Apolo

Cantem as musas Euterpe e Terpsícore o meu triunfo.

Canta a Musa Euterpe a seguinte

Ária

De Quixote o braço forte
Se ouvirá no meu concerto;
Pois que canta o vencimento
Dessas fúrias de um traidor.
Se animoso deu a morte
A quem morte dava a tantos,
Viva, viva em doces cantos,
Pois que vence ao vil Piton.

Canta Terpsícore a seguinte

Ária

Pois vence Apolo
O monstro altivo,
Repita Eolo
Já sucessivo

Que brilha vivo
Seu resplendor;
E assim as flores
Lhe deem grinaldas
De várias cores,
Já consagradas
A seu valor.

Apolo

Vivas mil anos, D. Quixote; e, como sei que não militas por prêmio, por essa causa te não premeio; mas na mesma ação que obraste tens o maior prêmio; como também agradeço a ajuda de teu Criado Sancho Pança.

Sancho

Valeu de muito a minha ajuda na retaguarda. Assim, em prêmio de meus serviços, peço a V. Paternidade, Senhor Apolo, que me conceda um lugar, o primeiro que vagar no Parnaso, para um filho meu, que é mui inclinado à Poesia, de sorte que tem roído quantas unhas há em minha casa, que todos as tínhamos grandes.

Apolo

Pois que ofício quereis?

Sancho

Cascavel do Parnaso.

Apolo

Eu vo-lo dou por três vidas.

Sancho

Em três vidas, Senhor? Ora não há prazo, que não chegue! E para melhor agradecimento, e em aplauso desta vitória, já que sou poeta, pois estou no Parnaso, quero cantar o triunfo. Toquem as Senhoras Musas e o Pégaso faça o compasso

Canta Sancho a seguinte

Ária³⁸

Se hoje o meu cantar

Um zurro há de ser

Quero começar:

An, an, an, an!

E se dos Poetas

Galo posso ser,

Cantarei aqui,

Qui quiri qui,

E logo acolá

Cá cará cá.

Porque canto só,

³⁸ Ária (de Sancho) – Segundo José Tavares (1956, p.70), a crítica e troça aos maus Poetas termina, após a nomeação de um filho de Sancho Pança para *cascavel do Parnaso*, por esta ária, em que Sancho zurra, canta de galo e volta a zurrar. – Este tema literário de viagens ao monte Parnaso, com o fim de enaltecer os grandes Poetas e depreciar os Poetastros, ou simplesmente para crítica depreciativa, teve o seu início com o escritor italiano Caporali (1531-1601), autor de uma *Viaggio in Parnaso*, que Cervantes citou e imitou na sua *Viaje del Parnaso* (1614). – Na Literatura Portuguesa, antes de António José da Silva, há a citar a *Jornada que Diogo Camacho fez às Cortes de Parnaso, em que Apolo o laureou* (Vol. V da *Fénix Renascida*, 1728). – Em carta escrita em 1737, imaginou também o escritor Francisco Xavier de Oliveira (Cavaleiro de Oliveira) uma viagem idêntica (Carta XXVII, do vol. II das suas *Cartas Familiares, Históricas, Políticas e Críticas*, 1742).

Có coro có.
Mas melhor será,
Tornar a dizer
O que cantei já:
An, an, an, an!

Canta o Coro, e dá fim a primeira parte.



CENA I

Mutação, metade de selva e outra metade de mar; e junto à praia um barco e uma azenha¹; e no dito barco se embarcará D. Quixote e Sancho, e ficarão atados o cavalo e o burro, e a seu tempo sairão da azenha dois homens com paus nas mãos.

D. Quixote

Já estamos em terra de Aragão. Este é o famoso rio Ebro. Na verdade, Sancho, que este país é mui deleitável e ameno. Que te parece Sancho? Não respondes? Estás mudo?

Sancho

Digo que não quero responder palavra, e tenho dito; meta-se lá com a sua vida e deixe-me.

D. Quixote

Sem dúvida estás arrependido de me servires!

¹ *Azenha*: moinho movido a água.

Sancho

Como que estou? Mais me valera a mim ser sombreireiro², que é o pior ofício que há no mundo, do que servir a vossa mercê.

D. Quixote

Pois tão mal te tem ido comigo?

Sancho

Não é nada vir eu daquela guerra do Parnaso moído e remoído à conta de vossa mercê, e não achar esta maldita ilha, e só achar um formoso arrocho que me arrombasse as alcatras?

D. Quixote

Tu tens a culpa. Quem te manda seres fraco? Ora tem paciência, sofre, que a ilha algum dia aparecerá. Mas espera. Não vês nas margens do rio um barco atado, sem velas, nem remos?

Sancho

E por sinal que é cacilheiro.³

D. Quixote

Sabes aonde estamos?

Sancho

Sei muito bem.

D. Quixote

Aonde?

² *Sombreireiro* – chapeleiro. Ofício que lida com substâncias tóxicas.

³ *Cacilheiro* – de Cacilhas.

Sancho

Estamos no Teatro do Bairro Alto.⁴

D. Quixote

Pois sabe que estamos metidos na maior empresa do mundo.

Sancho

Bem aviados estamos! Não digo eu que vossa mercê é doido confirmado?

D. Quixote

Sancho, aquele barco, que vês atado àquele álamo⁵ não está ali sem grande mistério.

Sancho

É porque vossa mercê de tudo faz mistério; e, sabida a conta, não é nada.

D. Quixote

Alguma pessoa está em grande perigo de honra ou vida; pois costumam muitas vezes os astros arrebatarem os cavaleiros andantes dentro em alguma nuvem, ou pôr-lhe um barco à vista, para que se embarquem; e, indo pelo rio abaixo por si mesmo o barco, lá vai dar aonde há o perigo; com que, Sancho, ata os cavalos a esse tronco; metamo-nos no barco e vamos a acudir a essa grande necessidade.

⁴ *Teatro do Bairro Alto* – isto é, onde se estava representando a comédia.

⁵ Álamo – espécie de árvore.

Sancho

Deixe-me vossa mercê fazer primeiro as minhas; que é razão que acuda primeiro às minhas necessidades do que às alheias.

D. Quixote

Vamos, Sancho, que aqui a dilação é perigosa.

Sancho

Deixe-me vossa mercê primeiro urinar, para irmos na maré do mijo.

D. Quixote

Deixa, Sancho, as cançonetas,⁶ ata os cavalos, e embarquemo-nos.

Sancho

Senhor, considere vossa mercê o que faz; olhe que andar pelo mar não é o mesmo que andar pela terra; tome exemplo na discretíssima raposa, que nunca se quis embarcar; donde ficou impresso na memória dos homens o ditado: *Por onde anda a raposa*. Com que, Senhor, montemos e fujamos deste barco à vela e a remo.

D. Quixote

Olha, Sancho, as ilhas não se acham por terra, senão no mar; e talvez que para teu bem esteja aqui este barco, como quem diz: Embarca-te, Sancho, que hás de achar uma ilha.

Sancho

Com que os barcos também falam!

⁶ *Cançoneta* – chalaça; graçola.

D. Quixote

Isso é figura que tu não alcanças; segue-me, que eu me embarco já.

Sancho

Senhor, eu já estou resoluto a morrer afogado: vamos com Deus; mas parece mui grande tirania deixar o meu burro, fiel companheiro de tantos anos, a quem devo mais do que a meu pai, e a minha mãe.

D. Quixote

Bem podes estar seguro, que a mesma pessoa que pôs aqui este barco terá cuidado de nos guardar os animais, que assim o contam as histórias impressas.

Sancho

Uma vez que está em letra redonda, sem dúvida que se há de cumprir à risca. Deus seja comigo.

Ata Sancho o cavalo e o burro; embarcam-se, e logo irá o barco pelo rio abaixo, até chegar à azenha, e zurra o burro.

Sancho

Ah, burro do meu coração! Bem te entendo o que queres dizer nesse zurro; mas não te posso ser bom; tem paciência, que bem sei que em deixar-te dei cos burros na água.

D. Quixote

Vê, Sancho, a serenidade com que anda este barco!

Sancho

Senhor, eu já estou enjoado, pare lá, que quero vomitar. (*Vomita*).

D. Quixote

Quando nada, Sancho, estamos junto à linha, e temos andado quatrocentas léguas turquescas, que fazem das nossas novecentas e meia.

Sancho

Como pode ser isso, se não temos andado duas braças, e tanto, que ainda ali se está vendo o meu burro e o seu rocinante?

D. Quixote

Cala-te, que tu não entendes da náutica. Se tu souberas o que são coluros, tropos, linhas, zodíacos e balestilhas, tu viras claramente o quanto temos andado.

Sancho

Ora como termos andado tanto, ainda não encontramos nenhuma ilha para eu governar?

D. Quixote

Cala-te, que até o fim ninguém se pode chamar desgraçado.

Sancho

Sim, Senhor, pela regra geral que diz que sempre atrás há sorvas.⁷

⁷ *Sorva* – fruto da sorveira.

D. Quixote

Lá se descobre, Sancho, um castelo encantado; ali sem dúvida está a afligida pessoa que buscamos. Que felicidade!

Sancho

É verdade; mas eu cuido que é a ilha! Vamos a ela.

Chegam ao pé da azenha; e, abrindo-se a porta, sairão uns homens com varas na mão, empurrando o barco.

Homens

Vocês vêm doidos, homens do diabo?! Aonde querem meter este barco? Não veem que isto é uma azenha, donde a água corre tão furiosa, que despenhará e despedaçará esse barco nas pedras da mó? Arreda para lá.

D. Quixote

Olha os gigantes encantadores. Ó canalha, largai a quem tendes preso nessa torre; se não, com esta espada reduzirei a cinzas a todos.

Sancho

Senhor, que nos perdemos sem remédio! O barco com a corrença da água vai levado para dentro das pedras! Ai! Ai, que se vira!

Com muita gritaria de todos se vira o barco, e D. Quixote e Sancho vêm nadando até chegar à praia, donde estão os cavalos, e o barco dará na praia e nela fica virado.

Sancho

Ai, que me afogo, Senhor! Briguemos agora com as ondas.

D. Quixote

De boa escapamos, Sancho; beijar quero a terra, que me livrou da morte.

Sancho

Senhor, beije-me aqui, que tudo é terra. Ai, ainda não creio! Diga-me, por vida sua: ainda estamos no rio, ou já estamos em terra firme?

D. Quixote

Graças a Dulcineia, que estamos livres do perigo. Oh, malévolos encantadores, que me perseguis por mar e terra, só por não livrar aos miseráveis aflitos!

Sancho

O que eu sentia não era o morrer: era morrer afogado em água, podendo morrer afogado em vinho. E tu, burro dos meus olhos, dá-me mil abraços, e dois beijos, que já cuidava que te não via mais em minha vida. *(Saem dois homens com paus nas mãos).*

Homens

Quem fez aquilo no meu barco?

Sancho

Ninguém fez aquilo, por vida minha, e cheire-o vossa mercê e verá.

Homens

Hão de pagar-me o meu barco; se não, com este varapau lho tirarei do corpo, maganos vadios.

D. Quixote

Ó canalha rude, ó vil prosápia de Aqueronte,⁸ assim se fala, com os cavaleiros andantes? Tomai!

Sancho

Ai, que estou varado! Confissão, que me alombaram.

CENA II

*Mutação de montaria de caça, com caçadores;
um Fidalgo, e uma Fidalga, etc.*

Fidalgo

Sem dúvida, Senhora, que estimarei que neste dia todos os brutos se prostrem rendidos, para que tenhais o divertimento que pertendeis.

Fidalga

Bem conheço, Senhor, que o vosso intento não é outro mais que o buscares ocasiões, com que me divirta da cruel melancolia que me persegue.

Fidalgo

Se bem que escusadas estão as armas; pois à vista desta beleza, quem não cairá morto? E a terem os brutos notícia da vossa vinda a este monte, eles mesmos buscariam o encontro, para terem a fortuna de serem despojos do vosso braço.

⁸ *Aqueronte* – um dos rios do Inferno.

Fidalga

Senhor, deixemos por ora lisonjas; pois bem reconheço o que tenho em mim, e o que me fazeis é nascido mais de vosso capricho, que do meu merecimento; mas, se me não engano, lá vejo vir dois cavaleiros.

Fidalgo

Muito estimo, pois eles nos ajudarão a passar a tarde na caça, para que os convidaremos. (*Saem D. Quixote e Sancho a cavalo*).

Sancho

Ora graças a Deus, que estamos entre animais. Diga vossa mercê agora que isto também é encanto; e que aquela mocetona que ali está, e mais aquele rufião, que são gigantes.

D. Quixote

Sancho, eu não sou tão tolo como me fazes; bem sei o que é caçada, e o que são gigantes. Aquela deve ser alguma grande Senhora, que anda caçando. É forçoso que a vamos cumprimentar. Pega no estribo, que eu me apeio.

Sancho

Vá descendo, que eu lhe vou pegar na espora.
Ao aprear-se D. Quixote, cai do cavalo, e Sancho também ao aprear-se fica debaixo do burro, e acode o Fidalgo e a Fidalga.

D. Quixote

Sancho de todos os diabos, escudeiro infernal, acode-me, que fiquei descomposto.

Sancho

Pois eu fiquei composto, que fiquei coberto com a albarda do burro.

Fidalgo

Senhores, tenham mão, levantem-se.

Fidalga

Honrado cavaleiro, dai-me cá a mão, levantai-vos.

D. Quixote

Diana destes bosques, por caçadora e por planeta, se a medicina da queda havia de ser tão soberana, não me arrependo de haver caído; e mais, quando o cair aos pés de vossa grandeza, é levantar-me ao auge da maior felicidade.

Fidalga

Sois discreto.

Sancho

Só eu caí no que era caça. Digo, Senhora, que o cair aos pés de vossa magnífica e excelencial Altura, foi porque caí do meu burro, com a pressa de ir pegar no estribo a meu amo; mas vejo agora que, se um burro me derruba, uma jumenta me levanta.

Fidalgo

Como vos chamais, honrado cavaleiro?

D. Quixote

D. Quixote de la Mancha.

Fidalgo

Que dizeis? Não sabeis o quanto estimo ver-vos; pois há muito tempo que a fama do vosso nome tem granjeado a atenção de toda a Espanha.

Fidalga

Marido, este é o célebre D. Quixote? Temos muito que rir e nós o faremos mais doido. Vós não sois por outro nome o Cavaleiro da Triste Figura?

D. Quixote

Algum dia tive esse apelido, mas agora, depois que matei um leão, me chamo o Cavaleiro dos Leões.

Fidalga

E vós não sois Sancho Pança?

Sancho

Por meus negros pecados. Oxalá que nunca o fora!

Fidalga

Sancho, não vos agasteis, que daqui em diante achareis em mim o amor de mãe, e vos quero para meu perrexil.⁹

Sancho

Para perrexil?! Isso não; se Vossa Altura me quer para alcaparra,¹⁰ com muito boa vontade.

⁹ *Perrexil* – (Perrexil-do-mar) – planta. – Aqui, significa *bobo da corte*.

¹⁰ *Alcaparra* – nome de outra planta.

Haverá muita gritaria, e sairá um porco, que dá com Sancho no chão, e D. Quixote o mata.

D. Quixote

Espera, cerdoso bruto, que te farei humilhar-se aos pés desta deidade.

Sancho

Ó minha Senhora, diga àquele javali que esteja quieto, e que não entenda comigo. Ai, Jesus! *(Cai.)* Ah, Senhora! Ah, Senhor D. Quixote! Ai, que me desmaio!

D. Quixote

Senhora, já morreu o bruto. Sinto não ser um gigante para o pôr aos pés de Vossa Grandeza.

Fidalga

Sancho, Sancho, bem podes tornar em ti, que o javali já está morto.

Sancho

Uma vez que está morto, mande-o guisar, que o comerei a bocados.

Fidalga

Sancho, não cuidei que éreis tão fraco.

Sancho

Senhora, isto não é fraqueza; é medo. Tomara que Vossa Altura me tirara o quebranto, que não posso acabar comigo, ser valente uma vez sequer. Digo que o tenho, porque me vejo quebrantado.

Fidalgo

Senhor D. Quixote, vossa mercê há de se servir de vir para meu palácio descansar um par de dias.

D. Quixote

Mercês de Senhores não se rejeitam, irei para criado dessa nobre casa.

Fidalga

Sancho, vós haveis de fazer hoje penitência conosco.

Sancho

Isso não; penitência faça-a quem quiser, que eu ainda me não acho com a idade precisa. Vamos comer alguma coisa.

CENA III

Mutação de sala, onde estará uma mesa com cadeiras.

Fidalgo

Senhor D. Quixote, sente-se na cabeceira da mesa.

D. Quixote

Isso não; Vossa Grandeza há de assentar-se, que em tudo tem o primeiro lugar.

Fidalgo

Vossa mercê que tem o primeiro lugar nesta casa, sente-se.

Sancho

Acerca disso contarei, uma história que sucedeu não há vinte anos. Convidou um Fidalgo do meu lugar, mui rico e principal, porque descendia do Netuno do Rossio, que casou com D. Rigueira das Fontainhas, que foi filha de D. Chafariz de Arroios, homem sobre trancão e seco, o qual se afogou em pouca água, por causa de um furto que lhe fizeram, de que se originou aquela célebre pendência das enxurradas, na qual se achou presente o Senhor D. Quixote, que veio ferido em uma unha. Não é verdade, Senhor?

D. Quixote

Acaba já com essa história, antes que te faça calar.

Fidalga

Deixe vossa mercê falar a Sancho, que gosto muito de ouvi-lo, que é mui discreto.

Sancho

Discretos anos viva Vossa Altura. Como vou contando, vai senão quando... Aonde ia eu, que já me esquece?

Fidalga

Na pendência das enxurradas.

Sancho

Ah, sim, lembre-me Deus em bem. Este Fidalgo, que eu conheço como as minhas mãos, porque da sua à minha casa não se metia mais que uma estrebaria, convidou, como vou dizendo, este fidalgo a um lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pariu.

D. Quixote

Acaba já com essa história.

Sancho

Já vou acabando: chegando o tal lavrador a casa do Fidalgo convidador, que Deus tenha a sua alma na Glória, que já morreu, e por sinal dizem que tivera a morte de um anjo, mas eu me achei presente, que tinha ido não sei donde...

D. Quixote

Por minha vida, que acabes. Se não, te moerei os ossos.

Sancho

Foi o caso que estando os dois para sentar-se à mesa, o lavrador porfiava com o fidalgo que tomasse a cabeceira da mesa; o fidalgo porfiava também que a tomasse o lavrador; tem daqui, tem dali, até que, enfadado o fidalgo, disse ao lavrador: *Assentai-vos, vilão ruim, aonde vos digo, porque onde quer que eu me assentar, essa é a cabeceira da mesa.* Entrei por uma porta, saí por outra, manda EI-Rei que me contem outra.

D. Quixote

Tu me pagarás, Sancho, por estas. Bem te entendi a história.

Sancho

Mate-me Deus com quem me entende. Senhor, faço saber a Vossa Altura que o Senhor D. Quixote, meu amo, me tem prometido uma ilha, para eu ser governador dela, e até aqui vivo em esperanças; mande Vossa Altura que ma faça boa; se não, não o quero mais servir.

Fidalga

Eu vos prometo dar uma ilha; por tão pouco não vos vades do serviço de vosso amo.

Sancho

Senhora, se tal ilha alcanço, não se me dá de quantos reinos tem o mundo

Fidalga

Fazei um memorial e nele vos despacharei.

D. Quixote

Que importa que Vossa Grandeza faça a Sancho a mercê da ilha, para governá-la, se ele nega haver amor?

Sancho

E que tem cá o amor com a ilha?

D. Quixote

Homem, se não tiveres amor, como hás de governar bem aos moradores dela?

Sancho

Venha a ilha, que eu terei amor aos meus súditos e lhe farei muito bem a caridade.

D. Quixote

Isso sim; mas tu negas que há Dulcineia, e assim negas que há amor.

Sancho

Eu não nego que há deidades, a quem se deve render tributo no templo da formosura; mas que haja Dulcineias... *ex parte objecti* concedo, *a parte rei* nego;¹¹ e mais de que, para mostrar o que é amor, melhor me explicarei cantando.

Canta Sancho a seguinte

Ária

Viram já vocês um gato,
Que, miando pela casa,
Tudo arranha, tudo arrasa
E caçando o pobre rato,
Este guincha, que o não rape;
Dali diz-lhe a moça *sape*,
E o gato responde *miau*,
E a Senhora grita *xô?*
Dessa sorte, amor tirano
Faz das unhas duras flechas,
Que, atrependo da alma às brechas
Corações, fressuras,¹² bofes
Come, engole e faz em pó.

¹¹ *Ex parte objecti...* – Sancho toma aqui ares doutorais para argumentar à maneira dos escolásticos, que o autor aqui mete a ridículo. O raciocínio de Sancho é o seguinte: que se possa imaginar a existência de Dulcineia (“*ex parte objecti*”) admito (“concedo”); mas que ela realmente exista (“*a parte rei*”) – nego (Nota de Pereira Tavares, 1957, p.82).

¹² *Fressura* – vísceras

Haverá dentro terremoto, e sairá um Diabo a cavalo em um burro.

Diabo
Qual de vós é D. Quixote
de la Mancha?

D. Quixote
Sou eu; que me quereis?

Diabo
Qual é Sancho Pança?

Sancho
Não sou eu; que me quereis?

Diabo
Diga, sob pena de morte.

Sancho
É este criadinho de vossa mercê.

Diabo
Pois esperai aqui ambos, que vem Merlim tirar do desencanto a
Senhora Dulcineia del Toboso (*Vai-se*).

Sancho
Eu não vi Diabo mais cortêz! Este Diabo devia ser bem criado, e
filho de bons pais, porque trata a Dulcineia por Senhora.

D. Quixote

Oh, quem se vira já na tua vista, amada Dulcineia!

Fidalga

A logração vai saindo boa: mui tolo é o tal D. Quixote, e o criado!
(*À parte*).

Sairá um carro, donde virá Merlim com barbas, e Dulcineia, e outras figuras, trazendo velas acesas nas mãos.

D. Quixote

Ó Sancho, tal estou de contente e alegre, que tenho este dia pelo mais feliz de quantos tem havido.

Sancho

Senhor meu amo, vossa mercê não vê lá em cima do cucuruto do carro uma coisa como espantalho de figueira?

D. Quixote

Sim. Que será aquilo?

Sancho

Que será?! É a Senhora Dulcinea del Toboso; não diga nada a ninguém.

D. Quixote

Ai, Sancho amigo, é possível que os meus olhos tiveram tal fortuna, que chegaram a ver aquela belíssima, formosíssima, altíssima e sapientíssima Dulcineia del Toboso, inveja de Vênus, e ardor de Cupido?

Sancho

Tomara ter dois ovos para frigir em meu amo, que se está derretendo como manteiga.

Dulcineia

D. Quixote, Atlante do valor, coluna do templo de Marte, *non plus ultra* das valentias, braço direito de Aquiles, coração de Pirro; tu, que sabes entressachar as delícias de Vênus com os rigores de Marte, é chegada a ocasião de me desencantares, e livrares do poder destes magos encantadores, que por tua causa e por emulação do teu valor, me tem encantado.

Sancho

É lástima! Senhor, acudamos, que a pobre Senhora está posta na espinha. Coitadinha! Coitadinha!

Dulcineia

Estás mudo? Não me respondes, D. Quixote? Ora, já que o teu amor te não move, movam-te as minhas lágrimas misturadas com o terno de minhas vozes.

Canta Dulcineia a seguinte

Ária

Que importa que a uma fera
(Ai, infeliz!) tu venças,
Se as iras imensas
De um monstro cruel, irado,
Não podes superar?

Porque o valor galhardo,
Que adorna tanta esfera
É injúria ao teu ser,
Se a mim, que sou mulher,
Não sabes liberar.

D. Quixote

Senhora, até aqui estive arrebatado à esfera de tua formosura, por cuja causa não te respondi. Não quero dizer por palavras o meu oferecimento, e só por obras quero significar o quanto devo fazer por ti, que és o espírito que me animas no corpo de minha alma. Dize o que queres que eu faça, para livrar-te desse encantamento?

Sancho

São mãos perdidas. Agora sim, que, se vossa mercê brigar com trezentos gigantes, digo que fará muito bem, porque a ocasião veio a pedir de boca, e a Senhora Dulcineia é comezinha.

Dulcineia

D. Quixote, já me vai entrando o acidente encantado, que me impede o falar; pois só tenho licença para isso um quarto de hora, e assim o Senhor Merlim te dirá quem há de ser o instrumento do meu desencanto, o como e quando.

D. Quixote

Oh, que dor! Agora lhe deu o encantado acidente na boca, para não falar.

Sancho

Se foi na boca o acidente, feria de gota coral, porque ela a tem bem vermelha.

Merlim

D. Quixote valente, esta, que vês, é a tua amada Dulcineia, que por teu respeito a quero desencantar; mas há de ser levando Sancho Pança trezentos açoites bem puxados.

Sancho

Diga-me, Senhor Merlim, que tem o meu cu com o desencanto da Senhora Dulcineia?

Merlim

Assim o dispõem os Astros, e os fados o determinam.

Sancho

Pois entenda que ficará encantada para *secula seculorum*, que livre está que eu me açoite por ninguém.

D. Quixote

Sancho, coração de pedra, alma de cântaro, entranhas de pedrenal,¹³ não te movem aquelas lágrimas? Leva os açoites, por tua vida; tem lastima daquela flor, que apenas nasceu no jardim da beleza, logo encontrou desmaios nos encantos.

¹³ *Pedrenal* – pedernal; pederneira.

Sancho

À que del-Re! Digo que me não quero açoitar; açoite-se vossa mercê, já que é penitente de amor.

D. Quixote

Meu Sancho, meu fiel amigo, deixa-te açoitar. Isso que vem a ser? Não negues uma coisa que está na tua mão.

Sancho

Na minha mão nego, no meu cu mais depressa.

Fidalga

Quem não é para aturar trezentos açoites, menos aturará o peso do governo de uma ilha. Ide, que sois para pouco, vilão ruim. Que fazeis vós em fazer o que vos pede uma Dama aflita?

Sancho

Senhora, não tem remédio? Se nasci para ser desgraçado, venham esses açoites, cos diabos! Ai, desgraçada ilha, que tanto me custa! Ah, Senhor Diabo, haja-se com compaixão comigo, que eu lhe prometo se me escapo desta, um cu de sorvas com molduras de paparraz.¹⁴ Ai! Um, dois, vinte! Ai, cu da minha alma! (*Leva Sancho os açoites*).

D. Quixote

Cala te, Sancho; cala-te, que já lá vai! És fiel companheiro!

¹⁴ *Paparraz* – planta.

Sancho

Sou um dardo para ele! Valha-o não sei que diga! Olhe, Senhora Dulcineia, que tais tenho as bebas para amor de vossa mercê.

Merlim

Já Dulcineia está desencantada, graças a Sancho Pança!

Fidalgo

Para bem vos seja, Senhor D Quixote, o desencanto da Senhora Dulcineia.

D. Quixote

Será para que Vossa Grandeza tenha mais uma criada para o servir.

Fidalga

Ora, Sancho Pança, na verdade que fizeste uma ação a mais louvável, que se pode considerar digna de se estampar em cortiça com letras de alvaiade.¹⁵ Logo, logo vos mando ser Governador desta ilha; ide, que espero de vós me façais bons serviços, pois sois homem de esperanças.

Sancho

Serviços de esperanças são verdes, entendo que a ilha será nas Caldas.

¹⁵ *Cortiça com letras de alvaiade* – a cortiça e alvaiade, usados no fabrico dos bonifrates.

D. Quixote

Sancho, vê que vás a governar; olha que deves ter diante dos olhos a Justiça.

Sancho

Sim, Senhor, eu logo a mando pintar e a porei diante dos olhos.

D. Quixote

Não te corrompas com dádivas.

Sancho

Eu me salgarei, para me não corromper.

D. Quixote

Sancho, em duas palavras: Amar a Deus, e ao teu próximo como a ti mesmo.

Sancho

Amém.

CENA IV

Mutação de sala de azulejos. Saem várias danças, um Meirinho, um Escrivão, e dizem: Viva o nosso Governador Sancho Pança!

Sancho

Enfim, não há coisa nesta vida que se não vença com trabalho! É possível que me veja eu feito governador! De verdade, parece-me

que estou sonhando! Ora o certo é que não há coisa como ser escudeiro de um cavaleiro andante! Ah, sô Meirinho, endireite essa vara, e não me a troça à justiça; saiba Deus e todo o mundo que me quero pôr reto com a sua espada.

Meirinho

Ora, já que vossa mercê falou em espada e Justiça, diga-me: por que pintaram a Justiça com os olhos tapados, espada na mão e balança na outra, pois ando com esta dúvida, e ninguém me a pode dissolver, e só vossa mercê me a há de explicar, como sábio em tudo?

Sancho

Que me faça bom proveito! Dai-me atenção, Meirinho. Sabei, primeiramente, que isto de Justiça é coisa pintada e que tal mulher não há no mundo, nem tem carne, nem sangue, como, por exemplo, a Senhora Dulcineia del Toboso, nem mais, nem menos; porém como era necessário haver esta figura no mundo para meter medo à gente grande, como o papão às crianças, pintaram uma mulher vestida à trágica, porque toda a justiça acaba em tragédia; taparam-lhe os olhos, porque dizem que era vesga e que metia um olho por outro; e, como a Justiça havia de sair direita, para não se lhe enxergar esta falta lhe cobriram depressa os olhos. A espada na mão significa que tudo há de levar à espada, que é o mesmo que a torto é a direito. Os Doutores que falam nesta matéria não declaram se era espada colubrina, loba, ou de soliga; mas eu de mim para mim entendo que desta espada a folha era de papel, os terços de infantaria, os copos de vidro, a maçã de craveiro, e o punho seco. Na outra mão, tinha uma balança de dois fundos de melancia, como a dos rapazes: não tem fiel, nem fiador; mas contudo dá boa conta de si, porque esta moça, se não tem quem a desencaminhe, é mui sisuda. Algum dia podia eu

ler de ponto nesta matéria, porque vos posso dizer que criei a Justiça a meus peitos; mas as cavalarias do Senhor D. Quixote fizeram-me com que fechasse os livros e desembainhasse as folhas.

Meirinho

Já entendo o enigma. Posso agora mandar vir os feitos para a audiência?

Sancho

Oh, magano! Feitos na audiência! Aqui é secreta? Como se chama esta ilha?

Escravidão

A Ilha dos Lagartos.

Sancho

Pois, quando a crismarem, mudem-lhe o nome e chame-se a Ilha dos Panças, em memória da minha barriga. Pergunto mais: a quanto está a canada de vinho?

Meirinho

A seis vintéis.

Sancho

Logo, logo, com pena de morte, se ponha a dez réis; não quero que por falta de vinho deixe de haver bêbados na minha ilha. Mandai vir as partes para a audiência. *(Sai um homem)*.

Homem

Senhor Governador?

Sancho

Que quereis ao Senhor Governador?

Homem

Senhor Governador, peço justiça.

Sancho

Pois de que quereis que vos faça justiça?

Homem

Quero justiça.

Sancho

É boa teima! Homem do diabo, que justiça quereis? Não sabeis que há muitas castas de justiça? Porque há justiça direita, há justiça torta, há justiça vesga, há justiça cega e finalmente há justiça com velidas e cataratas nos olhos? Senhor Governador!

Homem

Senhor, seja qual for, eu quero justiça.

Sancho

Uma vez que quereis justiça... Olá, ide-me justiça esse homem em três paus.

Homem

Tenha mão, Senhor Governador, que eu não peço justiça contra mim.

Sancho

Pois contra quem pedis justiça?

Homem

Peço justiça contra a mesma Justiça.

Sancho

Pois que vos fez a Justiça?

Homem

Não me fez justiça.

Sancho

Até aqui, ao que parece, o vosso requerimento é de justiça. Ora andai; dissei de vossa justiça em três dias.

Homem

Isso é muito sumário.

Escravidão

Senhor, não saberemos o que pede este homem?

Sancho

Homem, que é o que pedis?

Homem

Peço recebimento e cumprimento de justiça.

Sancho

E de que cumprimento quereis a Justiça?

Homem

Seja do cumprimento que for, que eu com tudo me contento.

Sancho

Ó Meirinho, ide à gaveta da minha papelreira de chorão da Índia, e entre várias bugiarias que lá tenho tirai uma Justiça pintada que lá está, e dai-a a este homem, e que se vá embora.

Homem

Senhor, eu não quero justiça pintada.

Sancho

Pois, beberão, não sabeis que não há nesta ilha outra justiça senão pintada? Ó Meirinho, lançai-me este bêbado pela porta fora, que nenhuma justiça tem no que pede.

Homem

Viu-se maior injustiça! (*Vai-se*).

Sai o Meirinho, trazendo preso um homem.

Meirinho

Senhor, este taverneiro foi agora apanhado neste instante deitando água em uma pipa de vinho; que se lhe há de fazer?

Sancho

Água em vinho! Há maior insolência! Ó homem do diabo, e não te caiu um raio nessa mão? Logo seja enforcado sem apelação, nem agravo. Tenho dito.

Taverneiro

Senhor, este Meirinho mente.

Sancho

Isso é outra coisa; uma vez que o Meirinho mente, ide-vos embora. Mas ouvis? Mandai-me um almude desse vinho, que quero ver se tem água.

Taverneiro

Viva vossa mercê muitos anos! (*Vai-se. Sai uma mulher*).

Mulher

Senhor Governador, venho queixar-me a vossa mercê de uma insolência.

Sancho

Como pede, ide-vos embora.

Mulher

Se vossa mercê ainda me não ouviu, como já me despacha?

Sancho

Pois eu não posso deferir sem ouvir-vos?

Mulher

Senhor, foi o caso: Eu sou uma moça donzela, e solteira. Fui pecadora, caí na tentação do Diabo; um magano... Já vossa mercê me entende! E agora, diz que não quer casar comigo.

Sancho

Pois não caseis vós com ele, que esse é o maior despique que há nesta vida.

Mulher

Senhor, eu quero casar, mas ele não aparece; suponho que fugiu.

Sancho

Olá, metam essa mulher na cadeia com uma corrente ao pescoço, e grilhões aos pés, bem carregada de ferros, até aparecer o homem com quem ela quer casar.

Mulher

Senhor, isso é contra a Justiça; veja vossa mercê que eu sou uma mulher nunca fui presa.

Sancho

Por isso mesmo; *anda-te!*

Mulher

Que isto se permita no mundo!

Meirinho

Ainda cá não entrou Governador mais reto, nem mais sábio!

Sancho

É para ver! Não, comigo ninguém há de brincar.

Sai outro homem gritando.

Homem

Aqui del-Rei, que me mataram! Não há justiça nesta ilha?

Sancho

Que tens, homem? De quem te queixas?

Homem

Senhor Governador, eu estou passado de meio a meio; não posso falar, porque estou morto.

Sancho

Não podeis falar, porque estais morto?! Olá, tragam a alma deste homem aqui em corpo e alma, e metam-lha à força, para que fale; que não é razão que fique a República ofendida na impugnação do delito.

Homem

Senhor Governador, ouça vossa mercê o caso mais atroz que tem sucedido nesta ilha, prepare os pasmos, tenha pronta a admiração, e desenrole as atenções para me ouvir.

Sancho

Olá, Meirinho, mandai preparar os pasmos, tende pronta a admiração, e desenrolai as atenções, para se ouvirem neste tribunal as queixas deste autor de seu delito; que assim como a ninguém se pode negar a vista, como dispõe o *text. in l. Caecus, §. Tortas ff. de his, qm metit um olho por outro*, e com muitos o provam Pão Mole no *cap. das Côdeas*, também da mesma sorte o ouvido se não deve fechar para ouvir os queixosos, como dispõe a *l. das doze tábuas de Pinho na segunda estância de Madeira, Cod. de Barrotis*.

Escravidão

Este homem é um burro de textos!

Sancho

Homem, dizei a vossa querela, que eu tiro a cera dos ouvidos para vos ouvir.

Homem

Senhor, foi o caso...

Sancho

Baila, não me conteis mais; basta que esse foi o caso! Há maior insolência! Que assim se perca o respeito à Justiça! Olá, olá!

Homem

Senhor, escute vossa mercê, que ainda isto não é nada; ouça-me vossa mercê até o fim.

Sancho

Quem ouviu esse caso não tem mais que ouvir, senão logo fazer justiça a torto e a direito. Ó Meirinho, mandai logo levantar uma forca no meu gabinete, para que mais publicamente seja castigado o delinquente.

Meirinho

Senhor, que delinquente, se vossa mercê ainda não ouviu quem era?

Sancho

É tal a vontade que tenho de fazer justiça, que logo me sobe a cólera uma mão travessa pelo espinhaço acima; de sorte que, se não me advertis que ainda se não tinha dito quem era o delinquente, era eu capaz de mandar enforcar a vós, Meirinho, que era a pessoa mais pronta que aqui tinha mais à mão de semear.

Homem

Senhor Governador, faça vossa mercê de conta.

Sancho

Tenho feito de conta; que mais?

Homem

Que indo eu andando, andando, andando...

Sancho

Ainda não acabastes de andar? Arre lá com tal andar! Sois mui bom para andarilho.

Homem

Indo, pois, andando...

Sancho

Andai, homem, isto já está dito; não me façais criar apostemas, que os instantes que tardo em dar execução à justiça são eternidades de penas que me encaixais nas ilhargas.

Homem

Quando eu, eis que ia andando, manso e pacífico, sem fazer mal a ninguém, estava um burro atado a uma porta. Quis passar, pedi-lhe licença; não me respondeu; tornei-lhe a pedir com palavras corteses; e, levantando os pés do chão, pespegou-me com duas pelotas de ferro bem na boca do estômago, de sorte que me fez deitar a bosta pela boca. Este é, Senhor, o caso; suplico a vossa mercê que não fique sem castigo este insulto.

Sancho

Não ficará por certo, e juro, à fé de escudeiro andante, e pelas remelas de minha muito desprezada mulher, a Senhora D. Teresa Pança, que há de ver o mundo o exemplar castigo de tanta culpa.

Homem

Ai, Senhor Governador, aqui, aqui bem na boca do estômago é todo o meu mal.

Sancho

Vede lá não seja isso fome! A graça é que, se assim como o estômago tem boca tivera dentes, que o tal burro lhe deitava os dentes fora. Dizei-me, homem: esse jumento que vos deu os coices, de que tamanho será?

Homem

Eu não tenho aqui com quem o comparar.

Sancho

Olhai bem para mim; será da minha estatura?

Homem

É o que pode ser.

Sancho

Bem está; pois vá o Meirinho convosco e cheguem-se ao burro de mansinho e digam-lhe: *Preso, da parte do Senhor Governador!* E bem atarracado o tragam aqui perante mim.

Vão-se o Meirinho e o Homem e trazem o burro.

Meirinho

Eis aqui o delinquente, preso, que me custou bem a agarrá-lo.

Homem

Senhor Governador, este é o agressor, e este é o que me feriu; ponha-lhe a lei às costas.

Sancho

Vejam vossas mercês quem anda perturbando a República! Dize, burro de Satanás: que mal te fez este homem para o maltratares desta sorte? O diabo do burro não responde; certos são os touros! Ele que se cala, cometeu o delito, assim como nós aqui estamos. Como te chamas, burro? De quem és? Donde moras? Quem é teu pai? Que dizes? A nada o burro se move: deve ser burro velho, pois se cerra à banda e não quer falar. Ó Meirinho, vós conheceis acaso este burro, que sois mais veterano neste país?

Meirinho

Com que vossa mercê se está fazendo de novas?! Vossa mercê não conhece que este é o seu burro, ou o ruço por alcunha? Isto é mal permitido, que talvez o burro, fiado em vossa mercê ande fazendo estes insultos. Agora veremos a sua justiça. (*À parte*).

Sancho

Há maior desgraça! Ai, burro da minha alma, quem te dissera a ti que eu havia de ser o mesmo que te sentenciasse? Por isso ao entrar me deitou uns olhos, como quem me dizia que me houvesse com ele com compaixão. Não tem remédio; hei de sentenciar-te; o que poderei fazer é não dar execução à sentença. Oxalá, ninguém ouça isto. (*À parte*).

Homem

Senhor, despache-me vossa mercê, quando não, farei um desatino.

Sancho

Para que saiba o mundo a minha inteireza e incorruptibilidade, ouçam todos, que ainda com ser o burro meu, lhe dou a sentença seguinte.

Vai ditando Sancho a sentença.

Visto este burro, acusação do autor, provas dadas por uma e outra parte, mostra-se: que indo o autor roçando-se pelo pé dele réu burro, que por nome não perca, alçando o pé esquerdo despediu um coice, que, pregando na barriga dele autor, salvo tal lugar, o estendeu como um cação; e, porque consta da fé do Meirinho, que presente está e não me deixará mentir, que o dito réu burro trazia escondido no pé uma ferradura de ferro; e, como semelhantes armas sejam proibidas e defesas, por serem armas curtas, mando que ele, dito réu burro, seja desferrado, e vá passear sem albarda pela feira das bestas, exposto à vergonha dos mais burros, seus camaradas, para que se lhe faça a face vermelha, por me constar que é burro de vergonha. Item, que não possa ser pai de burrinhos, nem que se deite a lançamento. Item, que seja lançado à margem na Cotovia, onde não comerá senão relva ou cascas de melão, e melancia, como burro de aguadeiro. E pagará as custas e todas as perdas e danos, em que o condeno, etc. Ilha dos Panças alargatados, etc.

Todos

Viva o nosso Governador Sancho Pança! Viva para exemplo dos ministros e honra das ilhas!

Sancho

Bem folgo que vejais a minha inteireza; pois com ser o burro meu e tendo-lhe tanto amor, não foi este bastante para deixar de fazer justiça. Agora quero escrever uma carta a minha mulher. Ó escrivão, escrevei lá. Ponde em cima a cruz dos quatro caminhos, e uma alâmpada acesa.

Escravidão

Senhor, para que é a alâmpada?

Sancho

Sois asno? Donde vistes vós cruz sem alâmpada?

Escravidão

Está posta.

Carta que vai ditando ao escrivão.

Sancho

Minha Teresa, já sabereis, que vos diria o Diabo, que estou feito governador em corpo e alma; mas, com me ver levantado do chão um côvado, não é razão que o meu amor conjugal vos falte com o débito de minhas letras. (Três pontos, e quatro vírgulas). Porque vós bem sabeis que, quando no tabuleiro do gosto escolho o trigo do vosso carinho, lanço fora a ervilhaca da ingratidão; pois joeirando as finezas, fica crivado o peito da correspondência; porém, indo meu amor à atafona dos extremos, ali se desfazem em pó as carícias do coração; e, furtando-me o atafoneiro da distância as maquias da vossa vista, peneiram os meus olhos lágrimas; e com elas amassando a farinha da mágoa

no alguidar da saudade, levam em crescimento o suspiro, até que, tendendo-se na tábua dos rigores, vai para o forno das penas, e ali se coze com o fogo do desejo; e dando ao moço a merendeira do pesar, guardo o pão azedo de vossa lembrança no armário de minhas memórias. (Ponto de interrogação.) Enfim, mulher, tenho determinado que andeis em coche vós e minha filha, a quem peço se lembre que tem um pai Governador. Aí vos mando esses caramujos e esse saco de areia, que é o que há nesta ilha. Graças a Deus, que ainda nos dá mais do que merecemos. O burro fica bom e se recomenda com muitas lembranças e diz que hajais esta por vossa; que não vos escreve por ter uns cravos em uma mão, que lhes fez um ferrador em umas bulhas que tiveram. Vede se presto para alguma coisa, que vo-la hei de fazer. Ilha dos Lagartos. Vosso Marido, se quiseres. Sancho Pança, Governador. Esta carta será logo entregue.

Meirinho

Sim, Senhor. Ora basta já de despacho; não queremos que vossa mercê se esfalfe; nem tudo se há de levar ao cabo. Venha vossa mercê jantar, que o conselho desta ilha tem preparado um magnífico banquete para vossa mercê nas casas da Câmara.

Sancho

Meirinho, jantar de Câmara será de coisa que já foi jantada, e assim vede lá o que dizeis.

Meirinho

Se vossa mercê o não quer na Câmara, será aqui mesmo, e vamos, que depois havemos ir rondar a ilha.

Sancho

Vamos nós reconhecer os pratos, e dai-me de jantar, seja aonde for, porque o ventre *non patitur moras*.¹⁶

Meirinho

Vamos. (*Vão-se*).

CENA V

Mutação de sala. Estará uma mesa mal ordenada, com uma garrafa em cima; estarão um médico, e um Cirurgião, dois rebecas e um rebecão; e saem Sancho, Meirinho e o Escrivão.

Sancho

Quem te dissera a ti, pobre Sancho Pança, que da rústica choupana de tua aldeia havias de chegar a tanta honra! Sem dúvida, que o aparato desta mesa é digno de jantar nela um absoluto Príncipe! Se, isto é, no preparatório, que será na côdea! Ai, esfaimado Sancho Pança, desta vez tirarás o ventre de miséria. Quem me dera ter nesta ocasião sete bocas, dez gorgomilos, quatro ordens de dentes, e oito bandulhos para devorar e engolir tanta comezana!

Meirinho

Senhor Governador, sente-se vossa mercê.

Sancho

Ó meu rico Meirinho do meu coração, dissei-me: quem são estes dois bigorrilhas?

¹⁶ *Non patitur moras* – não sofre, não admite demoras. – Apesar de iletrado, Sancho serve-se muitas vezes de termos e frases latinos.

Meirinho

Este é o médico, e este é o cirurgião, que ambos costumam assistir nos banquetes que se dão aos governadores, por grandeza e estado.

Sancho

Eu lhe perdoara o estado, com tanto que a grandeza só fora no comer. E quem são estes de cabeleira loura, muito buliçosos?

Meirinho

Estes são os que tangem vários instrumentos, enquanto se come, para excitar o apetite.

Sancho

Eu escuso acepipes para comer, pois o tenho para seis bois.

Tocam os instrumentos, muito desafinados.

Meirinho

Que tal tangem?

Sancho

Essa tocata é de rigor; parece feita por solfa.

Médico

Senhor Governador, ora por vida sua, que nos faça a honra de comer: faça-nos este gosto, por quem é.

Sancho

Não é necessário tanto rogo. Este médico tem feição! (*À parte*).

Médico

Primeiramente, Senhor Governador, há de vossa mercê comer com parcimônia.

Sancho

Parcimônia é coisa de comer?

Médico

Parcimônia é comer com temperança.

Sancho

Isso de temperos pertence ao cozinheiro.

Médico

Temperança, por outro nome, é o mesmo que comer pouco e com regra; pois, conforme a melhor opinião dos modernos, o muito comer estraga a natureza.

Sancho

Ainda esta é pior! Ora digo-vos que sois um asno. O comer muito é proveitoso para a barriga, porque se enche; pois, conforme a melhor filosofia, *non datur vacuum in rerum natura*;¹⁷ e assim hei de comer.

Cirurgião

Senhor Governador, com licença de vossa mercê, antes que coma é preciso fazer uma diligência do meu ofício da cirurgia.

Sancho

Entendo que este banquete tem algum apostema, que o cirurgião quer também meter a tenta.¹⁸ Vamos lá; que é isso?

¹⁷ *Non datur vacuum in rerum natura* – não se dá o vácuo na natureza.

¹⁸ *Tenta* – instrumento cirúrgico.

Cirurgião

Quero endireitar-lhe o pescoço. Tenha-o sempre direito; não o troça, quando comer; porque facilmente pode quebrar alguma veia.

Sancho

Não me deixareis comer como eu quiser? Que tendes que eu coma torto, ou direito? Vós cuidais que esta é a primeira vez que eu como na minha vida?

Médico

Senhor, uma coisa é comer como escudeiro, e outra como governador; e, como tal, queremos que vossa mercê coma como manda a arte médica e cirúrgica; pois a conservação da sua vida nos importa em muito, como único refúgio em que se estriba a nossa esperança.

Sancho

Seja o que vós quiséreis, e deixai-me comer; venha a sopa.

Médico

Isso é sopa? Nada, fora! Não coma vossa mercê sopa, que é muito nutritiva, geradora, danosa, sanguinária, e lhe pode resultar um estupor.

Sancho

Com que a sopa faz estupor? Vós é que sois o estupor da sopa. Hei de comê-la, mesmo que me deem duzentos estupores.

Médico

Requeiro a vossa mercê, da parte da saúde, que não coma sopa, que nesta ilha a sopa prova muito mal.

Sancho

Isso é porque vocês não sabem provar bem a sopa.

Médico

Ora, Senhor Governador, deixe vossa mercê isso, pois não falta comer em que vossa mercê se possa fartar. Coma este prato de assado.

Cirurgião

Não, com licença de vossa mercê, Senhor Doutor, também agora não é lícito que o Senhor Governador coma assado, que lhe pode ferir a garganta, pelo torrado do forno, e pela acrimônia do molho.

Médico

Pois não coma assado, se a cirurgia assim o manda.

Sancho

Com que você, Senhor Doutor, é juiz da consciência da minha barriga? Está galante história dizer lá os bigodes do cirurgião que o assado faz mal à garganta!

Meirinho

Senhor Governador, o que os Senhores dizem tudo é para seu bem; e eles que o dizem, bem o entendem.

Sancho

Meirinho, eu sempre ouvi dizer que quem te dá o osso não te deseja ver morto; e estes físicos não só me não dão a carne, mas também me não dão o osso; e se não, dizei-me: para que me convidaram estes senhores, se me não deixam comer?

Médico

Essa é boa! Nós lhe proibimos o que é nocivo; aí não faltam manjares para vossa mercê comer.

Sancho

Ora está bem. Vamos comendo estas perdizes.

Médico

Tá, tá! Perdizes por nenhum caso; são perniciosas à vida do homem.

Sancho

Aqui del-Rei, Senhores! Há quem tal diga da perdiz que se come com a mão no nariz, por ser tão excelente, que é necessário apertar-se o nariz, para que não entre por ele?

Médico

Senhor Governador, dê-me atenção. A perdiz, como diz Averróis,¹⁹ é muito indigesta: *Omnis saturatio mala; perdix autem pessima.*²⁰

Sancho

Ora, Senhores, deixem-me já por caridade comer aquele prato de vaca, para consolação desta pobre pança; pois sempre ouvi dizer a meu amo que *vacare culpa magnum est solatium.*²¹

¹⁹ *Averróis* – médico árabe, do século XII.

²⁰ *Omnis saturatio mala; perdix autem pessima* – Este aforismo (“Toda a fartura é má; a perdiz, porém, é péssima”) é na obra de Cervantes (Cap. XLVII, Parte II) atribuído a Hipócrates, grande médico da antiguidade.

²¹ *Vacare culpa magnum est solatium* – é grande consolação estar isento de culpa.

Médico

Olhe vossa mercê, Senhor Governador; não duvidamos que a vaca é generoso alimento; porém, como vossa mercê ainda não comeu coisa alguma, não é lícito que coma vaca estando em jejum; porque a vaca é alimento mui forte; e, como o estomâgo está fraco, peleja o forte com o fraco, e é forçoso que fique o fraco vencido, e do vencimento pode resultar a morte mui facilmente.

Sancho

Visto isso, também estou inabilitado para comer vaca?

Médico

Por ora sim

Sancho

Que por ora, se eu por instantes me estou desmaiando com fraqueza? Deixem-me comer aquale prato que ali está, que morro com fome.

Médico

Senhor, está louco? Quer comer pratos? Não vê que é de estanho e que lhe pode fazer uma grande obstrução na barriga?

Cirurgião

Ui, Senhor, estanho não é bom para o estômago; nem derretido, quanto mais cru!

Sancho

Ora isto é já pouca vergonha; hei de comer o que eu quiser; pois sou Governador em chefe com mero misto império nesta ilha e seus arredores.

Médico

Senhor, tenha mão.

Sancho

Sim, tenho mão para vos dar muita bofetada a vós, médico de urinas, e a vós, cirurgião de trampa.

Meirinho

Senhor, não coma, que lhe pode fazer mal, que o dizem os Senhores.

Sancho

Se o comer faz mal, também o não comer o faz; e, se hei de morrer de não comer, quero morrer comendo. Morra Marta, morra farta.
Haverá grande bulha sobre o comer ou não comer.

Médico

Acudam todos, que o Senhor Governador se quer matar por suas mãos.

Rebecas

Senhor, pague-nos vossa mercê, que aqui estivemos para tanger rebecas.

Sancho

Isto era pagar os açoites ao verdugo.

Todos

Aqui del-Rei sobre o Governador, que nos não quer pagar!

Cirurgião

Aqui del-Rei sobre o Governador, que se quer matar pelas suas mãos!

Sancho

Aqui del-Rei, que me querem matar à fome!

Meirinho

Vamos rondar a ilha, que é já noite.

Sancho

Não quero rondar, leve o Diabo a ilha; há aqui perto alguma taverna?

Escravidão

Ora vamos, que ao depois, sem que o médico nem o cirurgião saibam, lhe daremos bem que comer.

Sancho

Vede lá o que dizeis!

Escravidão

Tenho dito e fie-se em mim.

Sancho

Ora vamos rondar; mas esperai; e, se acharmos alguns marujos que nos quebrem os narizes, que conta havemos dar de nós?

Meirinho

Por isso mesmo; para os prender.

Sancho

Isto é o mesmo que quebrar um olho a mim para tirar dois a meu contrário! Não, senhor; deixe vossa mercê patuscar a quem patusca; já que o não podem fazer de dia, deixemo-los patuscar de noite, que é sua e ninguém lhe pode tirar por força.

Meirinho

Vamos, Senhor; se não, daremos com vossa mercê fora daqui.

Sancho

Vamos; mas olhe que lhe digo que eu vou como quem vai para a força.

CENA VI

Mutação de casas. Estarão alguns rebuçados, e se canta o oitavado,²² e saem Sancho, o Meirinho e o Escrivão, rondando.

Sancho

Agora me lembra o meu tempo, quando eu namorava a minha Teresa; isso eram canas! Dei-lhe uma vez um descante, que fazia bailar as tripecinhas. O demo da rapariga era esquiva, como não sei quê. Uma vez, pedi-lhe que me deixasse beijar-lhe a mão, e virou-me o rabo com tanta galantaria e gentileza, que lhe beijei cuidando que era a mão. Cantava-lhe o meu oitavado do Inferno, que era como estar um homem com as vozes do meu canto a dar com o corpo à sola.

²² *Oitavado* – dança popular do sec. XVIII.

Meirinho

Vamos prender estes maganos.

Sancho

Deixai-os, Meirinho.

Meirinho

Senhor, isto é um desaforo: andar desinquietando as moças honradas, que estão em casa de seus pais.

Sancho

Dizeis bem. Olá, ó Senhores esquinados, vocês bem podem namorar sem desinquietar as raparigas.

Escravidão

Vocês não têm respeito à Justiça? Vão-se logo embora.

Sancho

Ó filhos, não deis escândalo à vizinhança, nem deis motivo a distúrbios com vossos divertimentos; quando não, farei justiça.

Homem

Vamos dar outro descante pela parte do quintal.

Meirinho

Ali está um vulto naquela esquina, reconheça Vossa Mercê quem é.

Sancho

Como o hei de reconhecer, se ele está embuçado?

Meirinho

Por isso mesmo.

Sancho

Ah, Senhor, desembuce-se lá; olhe que o quero reconhecer. Ai, que já o reconheci!

Meirinho

Quem é?

Sancho

É um homem que está embuçado.

Meirinho

Pergunte-lhe quem é, da parte do Senhor Governador.

Sancho

Quem é, da parte do Senhor Governador?

Homem

Que lhe importa?

Sancho

Não disse eu que se havia de agastar? Vocês não querem tomar o meu conselho...

Meirinho

Torne-lhe a perguntar.

Sancho

Quem é, da parte del-Rei?

Homem

É a perra, que o pariu.

Sancho

Ai, que é minha mãe! Mas ela já morreu; será a sua alma, que me vem ver. Diga por vida sua quem é.

Homem

Sou sua avó torta.

Sancho

Mente, magano, que minha avó não era torta, nem na minha geração houveram tortos. Torto será você.

Meirinho

Venha preso, da parte del-Rei.

Homem

Digo que não quero ir preso.

Sancho

Você não quer ir preso? Olhe bem o que diz.

Homem

Não quero; tenho dito.

Sancho

Pois vá-se embora.

Meirinho

Que quer dizer – *não quero ir preso?* Venha logo.

Sancho

Meirinho, vós sois terrível; se o homem não quer ser preso, para que o havemos levar contra sua vontade? Não vedes que pode dar uma força de nós?

Meirinho

Ora isso é já pouca vergonha! Há de vir desta sorte.

Homem

Venha para cá, que eu o enfiarei.

Puxam pelas espadas e foge Sancho.

Sancho

Pés para que te quero! Lá vai o Meirinho cos diabos! De boa escapei eu! (*Vai-se*).

Meirinho

Ah, Senhor Governador!

Sancho

Não deixarão a este pobre Governador lograr o seu governo descansado na cama, com as pernas para o ar?

Meirinho

Senhor Governador?

Sancho

Mudos sejais vós todos os dias da vossa vida! Arre lá com o selvaginha! Bate, que parece que pisa esparto.

Escravidão

Vossa mercê não ouve, Senhor Governador?

Sancho

Isso é tolice; pois, se eu ouvira, não houvera responder?

Meirinho

Ora ouça, que estou batendo.

Sancho

Com a motinada²³ do bater não ouço nada.

Meirinho

Pois já não bato; ouça vossa mercê.

Sancho

Uma vez que não bateis, entendo que não quereis entrar.

Escravidão

Vossa mercê parece que não ouve?

Sancho

Não poderei ser surdo, se quiser? Olhem que está boa!

Meirinho

Senhor, que está a ilha cercada de inimigos; acuda vossa mercê.

²³ *Motinada* – motim.

Sancho

Adeus, minhas encomendas! Lá vai o pobre Sancho Pança desta bolada.

Escravidão

Senhor, venha defender a praça, saia-nos a governar como bom Capitão.

Sancho

Mandai cantar a ladainha de todos os Santos, e vereis como se vão.

Meirinho

Ora isto é já pouca vergonha; lá vai a porta dentro. *(Sai Sancho)*.

Sancho

Esperem, que eu lá vou para fora. Vocês estão aqui há muito tempo?

Meirinho

Há mais de duas horas.

Sancho

Por que não falavam? Eu adivinho? Pois que temos?

Escravidão

Estamos perdidos.

Sancho

Alguém nos achará.

Escravidão

Inimigos na ilha; acudamos a defendê-la.

Sancho

Pois façamo-nos seus amigos, e dissei-lhe que entrem.

Escravidão

Pelejemos, Senhor.

Sancho

Isso é mais. Eu sou cá espadachim? Não basta que eles briguem?

Meirinho

Senhor, que já eles aí vêm; vamos sair-lhe ao encontro.

Sancho

Tomara-me não encontrar com semelhante gente! Vão vocês brigar, se quiserem, que eu fico governando a ilha.

Escravidão

Senhor, que vêm passando tudo a cutelo; defendamo-nos.

Sancho

Isso é outra coisa. Olá, todos os nossos soldados se ponham em ala com as mãos atadas para trás, para que logo sejam degolados; e, quando os inimigos vierem, ninguém lhes faça mal: deixem-lhe tomar a ilha, que mais vale tomada, que perdida.

Meirinho

Vamos, Senhor.

Saem alguns homens.

Todos
Morra Sancho Pança! Vitória!

Sancho
Morra muito embora, com contanto que me não matem.

Todos
Este é o Governador. Venha preso.

Cai Sancho no chão.

Sancho
Eu quero morrer, antes que me matem.

Todos
Ele está morto; enterre-mo-lo.

Sancho
Pior está esta. Quem lhe disse a eles que eu queria que me enterrassem?

Todos
Levemo-lo a enterrar.

Sancho
Não; eu não sou morto de cerimônias; eu irei mesmo por meu pé.

Todos
Peguem nele.

CENA VII

Mutação de jardim, aonde estarão o Fidalgo, a Fidalga e D. Quixote

D. Quixote

Senhora Excelentíssima, Fidalguíssimo Senhor, não sei aonde pretendem chegar vossas grandezas com tantas liberalidades, quantas são as com que tratam a um cavaleiro andante! Algum dia saberei pagar tantos benefícios; pois também os Senhores não se livram de estarem encantados.

Fidalga

Senhor D. Quixote, ainda fazemos pouco, segundo o que merece um Cavaleiro andante, como vossa mercê.

Fidalgo

Se a minha casa não estivera tão empenhada, vossa mercê vira o nosso primor.

Sai Sancho.

Sancho

O diabo leve a ilha, e mais quem me mandou para ela!

Fidalgo

Que é isso, Sancho Pança? Que conta me dais da minha ilha?

Sancho

Aonde está a galantaria de me mandar Vossa Reverência a ser Governador de uma ilha atreita a inimigos? Eles lá ficam a paz e salvo, e eu vim fugindo a unha de burro.

Fidalgo

Pois não a soubeste defender.

Sancho

Defendi-a até a última pinga de sangue e até me fiz morto, a ver se eles fugiam; mas os malditos não têm medo de defuntos.

D. Quixote

Vai-te, cobarde galinhola! Isso é o que aprendeste do meu valor, há tantos anos na escola da minha milícia? Não te hei de ver mais a cara. Que se há de dizer de mim, se tu dás má fama do meu valor?

Fidalga

Senhor, os acidentes da fortuna não são deslustres do valor; isto podia acontecer ao mais valente.

Sancho

Isso estava eu para o dizer agora, e tirou-me da boca o que eu já tinha entre os dentes.

Sai um Escudeiro.

Escudeiro

Senhor D. Quixote de la Mancha, a Senhora Condessa Trifalde²⁴ pede licença para falar a vossa mercê.

D. Quixote

Dizei-lhe que entre, com licença dos Senhores.

²⁴ *Condessa Trifalde* – no *D. Quixote*, de Cervantes (Parte II, cap. XXXVI e seguintes), *Condessa Trifaldi*, ou *Dueña Dolorida*.

Condessa

Senhor, aos pés de vossa mercê busca remédio uma desgraçada Condessa, a qual vive encantada há vinte anos, com tal extravagância dos encantadores, que tendo eu o melhor carão, me fizeram crescer na cara as maiores barbas que nunca se viram em homem algum! E assim, só o vosso valor me pode desencantar.

Sancho

Esta é mulher de bigode!

D. Quixote

Senhora, menos rogo que esse bastava para vos desencantar.

Condessa

Pois eu chamo um cavalo, no qual subireis à região etérea a desencantar-me, e vosso criado Sancho Pança há de ir nas ancas.

Sancho

Senhora Condessa Trifalda, eu sempre ouvi dizer que o dar vinha nas ancas do prometer; eu já estou desenganado do que dão de si estes desencantos; com que, sem que me paguem, não vou, mais ainda que me frijam.

Condessa

Dou-te uma joia, que vale mil moedas, que também está encantada.

Sancho

Pois eu vou desencantar a joia, e meu amo a vossa barbaridade.

Canta a Condessa Trifalde a seguinte

Ária

As nuvens com ventos
Soberbos, violentos,
Me trazem voando
Um belo cavalo,
E nele montado
Dom Quixote vá.
Também Sancho Pança
Chegue a montá-lo,
Por que desta sorte
Se veja a mudança
Do rosto, que é morte,
Se barbas se dá.

Nas últimas cláusulas da ária desce o cavalo, e montam D. Quixote e Sancho Pança.

Sancho

Não lhe aperte muito o freio, que é doce da boca.

D. Quixote

Já passamos a região aérea.

Sancho

Aéreo está vossa mercê. Este cavalo anda, que parece que voa. Para carga! Este cavalo, como vai pelo ar, tem muita ventosidade.

D. Quixote

Esta é a região do fogo: já estamos perto.

Cai o cavalo com D. Quixote e Sancho.

Sancho

Esta é a região da terra. Ai, que quebrei as costelas! Ai, Senhora Condessa, ou Senhora Alcofa,²⁵ aonde estão as moedas?

Condessa

Senhor D. Quixote, já estou desencantada; vivais muitos anos. Sancho Pança, as moedas hão de vir para o tempo delas. Adeus!

Sancho

Há maior insolência! Tu és asno, Sancho? Pois leva, leva! Senhor, eu me resolvo a ir para a minha Aldeia sangrar-me, e purgar-me, pois tenho levado tantas quedas de desgraça, sem que pudesse ter queda com a fortuna.

D. Quixote

Senhores, Vossas Grandezas me hão de dar licença, que não é razão esteja aqui tanto tempo, sem ir desencantar outras pessoas, visto ter já desencantado esta Condessa.

Fidalga

Não posso estorvar a vossa mercê este louvável exercício das suas cavalarias.

Fidalgo

Viva mil anos o Senhor D. Quixote, por tantos desencantos.

²⁵ *Alcofa* – repare no trocadilho formado por Sancho com esta palavra e com a palavra *Condessa*, considerada sinônima.

D. Quixote

Senhores, isto em mim sempre foi obrigação. Sancho, vai selar os cavalos.

Sancho

Vamo-nos já desta casa encantada.

CENA VIII

*Mutação de bosque. Saem Sansão Carrasco,
D. Quixote e Sancho, os dois primeiros a cavalo.*

Carrasco

Agora veremos se deste segundo desafio tenho a fortuna da minha parte, e darei quanto possuo, se chegar a vencer agora a este D. Quixote, para ver se lhe posso tirar da cabeça a este louco a loucura que tem empreendido. Eu te prometo que tu fiques desenganado e por estes pares de anos não montarás a cavalo. Oh, se quisera aventura que agora o encontrasse! Mas, se me não engana a vista, lá vejo vir um cavaleiro. Ele é sem dúvida; apressar-me quero. (*Sai D. Quixote.*) Se sois cavaleiro andante, brigai comigo.

D. Quixote

Como se o sou? Não só convosco brigarei, mas com mil de vós.

Sancho

Mau! Isto é caso pensado, e rixa velha.

Carrasco

Investi, cavaleiro.

D. Quixote

Invisto. (*Cai D. Quixote*).

Sancho

Oh, desgraçado! Aqui vieram ter fim as tuas cavalarias andantes!

Ah, Senhor, não o mate por vida sua: deixe-o para tronco dos cavaleiros andantes.

D. Quixote

Estou vencido. Nem sempre a fortuna me havia de ser favorável.

Carrasco

Pois estais vencido, mando-vos que não tomeis armas por espaço de dez anos e vos recolhais a vossa casa.

Sancho

Oh! Nunca tua mão doa! Bem hajas!

D. Quixote

Como bom cavaleiro, devo obedecer. Dizei-me: quem sois?

Carrasco

Eu sou Sansão Carrasco, a quem vencestes já uma vez; agora quiseram os astros que eu vos vencesse, para que vos recolhais em paz para a vossa casa, que assim mo pediu vossa sobrinha e vossa ama.

Sancho

Ora, Senhores, acabou-se a valentia de D. Quixote, graças a Deus! Tirei bom fruto dele! Bem me disse a minha filha ao despedir-me! Com que agora, dando fim a esta verdadeira história, irei cantando:

Tão alegres que viemos,
E tão tristes que tornamos.

Canta o Coro como no princípio.

Coro

Todas as vozes juntas
Se ouçam rressonar,
E ao nosso festejar
Eco responda,
E a tão sonoro acento
Pasma a terra e o vento;
Que é bem que a terra e o ar
Já corresponda.

FIM

Sobre o livro

Formato	15 cm x 21 cm
Tipologia	Adobe Caslon Pro ElegaGarmnd BT Balmoral D
Papel	Sulfite 75 g

Peça escrita em 1733, *A vida de Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança* subiu aos palcos de Lisboa, no popular Bairro Alto, para alegria de um público ávido pelas brincadeiras e barafundas do então já conhecido e estimado Antônio José, mais popularmente chamado de “o Judeu”. Suas comédias populares eram encenadas por meio de bonifrates de cortiça, confeccionados por ele mesmo. Muitas das cenas e diálogos que aparecem nesta peça são críticas à famigerada Inquisição e também denúncias de um sistema político-social degradante que imperava em Portugal no século XVIII. Perseguido pela Inquisição, Antônio José morreu queimado em um Auto de fê.

Ao longo da peça, num misto de cenas ora faladas ora cantadas, o leitor irá se deparar com algumas árias, coros e minuetos. Afinal, trata-se de uma opereta joco-séria, representada por grandes bonecos articulados de cortiça, a qual dialoga tanto com a ópera bufa italiana como com as zarzuelas espanholas.

Editora filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Editora da Universidade
Federal de Uberlândia

www.edufu.ufu.br

ISBN 978-85-7078-459-9



9 788570 784599